ANO VII — N. 5

Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras

*

AD LVCEM VERSUS

9
59

NATAL — 1959

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
4.852/99
CCH
Dpto de História
22.09.99
NEH
UFRN

ANO VII — N. 5

REVISTA

DA

Academia Norte-Riograndense de Letras

DIRETOR

Adherbal de França

COMISSÃO DE REVISTA

Edgar Ferreira Barbosa
Otto Guerra
Esmeraldo Siqueira

—1959—

HENRIQUE CASTRICIANO

Adauto da Câmara

Conferência na Federação das Academias de Letras do Brasil, em 2 de agôsto de 1947, na qualidade de representante da Academia Norte Riograndense de Letras.

Êste poeta norte-riograndense, que, aos 26 de Julho deste ano faleceu em Natal, nasceu, em 15 de Março de 1874, em Macaíba. E' uma cidadesinha a 20 quilômetros da capital potiguar, de aspecto tranquilo e acolhedor, à beira do Potengí, e situada na estrada que conduz ao Seridó. Mantém com o Caicó uma aposta secular: a de dar ao Estado e ao Brasil os vultos mais ilustres. Se a metrópole sertaneja foi o berço de governadores e senadores, de um general, um bispo, um ministro de Estado e do Supremo Tribunal Federal, — Macaíba, que é hoje um prolongamento de Natal, deu Augusto Severo e Auta de Souza, Alberto Maranhão, Augusto Tavares de Lira e Henrique Castriciano de Souza.

A morte de tão eminente confrade, que foi nosso companheiro nos primeiros e difíceis tempos da Federação das Academias, tem provocado demonstrações de intenso pesar, a que nesta hora nos associamos públicamente. O Rio Grande do Norte tem tributado à sua memória as honras que sabe dispensar aos seus filhos notáveis. Seus versos celebram as glórias daquela terra abençoada, daquela gente insuperável na energia, na bondade e no valor moral. Instituições geradas pela sua paixão de fervoroso idealista lá estão para atestar as virtudes, a capacidade de ação, o patriotismo de quem as planejou. Não havia ninguém mais conhecido em Natal que o "Dr. Henrique", diante de quem todos se descobriam, os velhos e os novos, que gostavam de se aproximar dele, nas ruas, nos cafés, para se embevecer com as lições de sua experiência, deleitar-se com a sua prosa e erudição literária. Tendo conhecido o bem-estar que a riqueza material proporciona, pois que nasceu rico, e a bem-aventurança do poder político, chegou pobre à velhice, doente como sempre foi, e em um ostracismo atroz que êle socràticamente suportava, amado de gregos e troianos.

Labim/UFRN

Pertencia a uma família excepcionalmente bem dotada de inteligência: irmão de Auta de Souza, a poetisa mística e desditosa do Horto, falecida aos 24 anos, e de Eloi de Souza, que lhe sobrevive, parlamentar e jornalista dos mais admirados. Tendo iniciado o curso jurídico no Ceará, terminou-o no Rio de Janeiro, um tanto tardiamente, aos 30 anos. A tuberculose atacou-o desde os 18 anos. Era a moléstia que dizimava a família: pais e irmãos. Além disto, um irmão pequeno perdeu a vida em um incêndio. Criou-se, assim, em um ambiente de luto e de lágrimas. Eis a raiz daquela perpétua melancolia que êle carregava no semblante sem graça, na indumentária sombria, no andar pesado. Assaltado continuamente pelo pressentimento de uma vida curta. havia de ser o que foi na mocidade: um triste, um introvertido, com o ar de quem está esperando condução para o Além. Os cuidados com a saúde o absorveram constantemente, e só um acutíssimo instinto de conservação e uma vontade férrea de viver conseguiram triunfar na luta que travou, durante mais de meio século, com a tísica, e veio afinal, sucumbir a outra causa. A amargura interior que o devorava, lhe sugeriu o título para o seu segundo livro: RUINAS, de 1898. Contava 24 anos, e só tinha um pulmão. No pórtico, Heine: "De minhas grandes mágoas faço pequenas canções". E enjeitado da sorte se dizia êle, nos últimos tempos, recordando o título de seu drama em 3 atos, encenado em Natal, em 1900.

Mas a enfermidade impiedosa não pôde desviar a sua irresistível vocação para as letras. Percorrendo os sertões e o litoral, à procura de um clima benigno, vivia engolfado em estudos, absorto em leituras, entregue a atividades intelectuais, escrevendo versos imperecíveis, de forma perfeita, de bela inspiração. Visitando em 1895, a Serra do Martins, o poeta contemplou o curioso fenômeno do fio d'água que jorra de uma pedra da gruta da Trincheira, objeto de curiosidade para os turistas. E na própria pedra escreveu estas duas estrofes, duplamente lapidares, ao sabor de uma feliz e borbulhante improvisação:

A lágrima sem fim, a lágrima pesada,
Que eternamente cai do cimo desta gruta
Representa algum'alma estranha e desolada
Que mora a soluçar dentro da rocha bruta...

Esta alma quem será? Não sei! Mistério fundo...
Entretanto, eu pressinto alguém que se debruça
E baixinho me diz, num gemido profundo:
— Existe um coração na pedra que soluça...

Adquiriu uma cultura literária das mais vastas. Sua palestra era um privilégio, de que só os íntimos participavam, testemunhas de suas

Labim/UFRN

raras expansões indiscretas. Apenas com os amigos e confrades mais chegados se abria, vibrava, revelando a opulência de seus conhecimentos, uma inteligência ágil, pronta para as mais arrojadas concepções. Foi ainda a moléstia que o levou à Europa por duas vezes, quase logrando a cura. Nesta atormentada peregrinação em busca da saúde, o seu itinerário é limitado pelo môrro do Tibau e pelas montanhas suiças. Destas caminhadas através de tão várias paisagens, desde as praias nordestinas até os cumes nevados da Europa, desde os trópicos até a Grécia e à Terra Santa, lhe ficou aquele amor à Natureza, de que sua inspiração se impregnou, e que perpassa nas suas mais lindas produções.

Político

H. Castriciano também pagou o seu quinhão à política. Era lógica esta atração, e o seu concurso para o brilho e vitalidade das práticas republicanas teria de ser dos mais valiosos. Ela lhe concedeu cargos da mais alta confiança. Foi Secretário Geral, no Govêrno de Alberto Maranhão, e deixou relatórios famosos pela fina penetração sociológica. Deputado Estadual em várias legislaturas. Vice-Governador, por dez anos. E ainda Procurador Geral do Estado. Influente junto aos govêrnos, nunca se aproveitou de tal ascendência para obter vantagens ilícitas. E' uma virtude proverbial nos irmãos Castricianos, que entraram ricos na política, e atingiram a velhice notòriamente pobres. Íntimos de Ministros e Governadores, acabaram alienando numerosas propriedades urbanas em Natal, para custear os encargos de grande atividade política. Nunca lhes passou pela mente arranjar a venda oportuna, negociar a portas fechadas a transferências de seus bens à União, ao Estado ou ao Município, e os credores os iam arrebatando, com exceção apenas de um dêsses capitalistas, cujo nome merece proclamado, o Sr. Guilherme Guinle, que, podendo ter ficado com um ótimo edifício no ponto comercialmente mais importante de Natal, não o fez, apesar de os devedores não terem recursos para resgatar a hipoteca. Ao tempo deste episódio, que narro sem autorização do Sr. Eloi de Souza, mas em homenagem ao credor e devedores, os irmãos Castricianos estavam no ostracismo. Um dêles, o ex-senador Eloi de Souza, de tão doente, havia meses morava efetivamente em uma casa de saúde. O Sr. Guilherme Guinle foi visitá-lo, e lhe pediu que aceitasse a remissão da dívida, cuja importância êle se recusaria a receber.

Quando, em 1923, Henrique e o partido Republicano Federal, então dominante, se desavieram, sua candidatura a Vice-Governador estava, mais uma vez, lançada. Portou-se com uma dignidade irreprochável, negando-se terminantemente a tomar a iniciativa de renunciar à candidatura, para evitar a execução da sentença. Enviou ao concla-

Labim/UFRN

ve partidário uma carta altiva, repassada de compostura e dignidade. Assim, encerrou a sua carreira política, sem escândalos, sem alardes, sem ruído. Encerrou o incidente com uma pilhéria urológica. Dias depois, entregou ao antigo correligionário, ao amigo que disputara a regalia de propor à convenção o afastamento de sua candidatura dois litros, em cujo conteúdo lhe pedia o favor de pesquisar albumina e glicose... e nunca procurou o resultado da análise...

Via Crucis

Despedindo-se da política, fixou-se no Rio de Janeiro. Ia começar, aos 49 anos, a fase mais difícil de sua existência, mais anuviada que a da juventude consumida pela tuberculose. Ao menos, naquela quadra recuada, tinha esperanças, ambições, e era abastado. Trabalhou no fôro e no jornalismo, na "Notícia" e no "Paiz". Só em 1933, com a criação da Justiça Eleitoral, seria investido em uma função pública, que lhe desse tranquilidade. O Presidente do Tribunal Regional, seu velho amigo, conterrâneo de Macaíba, o Desembargador Luís Tavares de Lira, lembrou-se dele, e o nomeou diretor da secretaria, — o que deu a Henrique uma sensação de euforia. Com um só ato, dispunha de um bom emprêgo, e podia retornar ao Rio Grande do Norte. Com que discreta alegria se reconciliava com a vida! E exclamava: "Eu hei-de morrer espiando o Cabugí. Acho o Potengí tão lindo!"

Há quatro anos, já ferido de morte, tendo que me mandar uma delicada lembrança, escolheu uma fotografia da montanha imponente, que é o orgulho da orografia potiguar, e outra do último coqueiro da praia da Limpa, junto ao qual aparece. Tinha um afeto especial por aquela veneranda palmeira, sôbre que escreveu uma cintilante crônica para a "Revista da Semana". Era a derradeira de um grupo de cinco, que se erguiam na proximidade da fortaleza dos Três Reis Magos, e às quais se refere no primeiro capítulo do seu romance "Os Mortos".

Novas atribulações o esperavam ainda. Dissolvido o Parlamento, implantada a ditadura, foi extinta a Justiça Eleitoral. Ficou em disponibilidade com um têrço dos vencimentos. Foi depois aproveitado no Tribunal de Contas, em cargo inferior. O Presidente do Tribunal era outro Tavares de Lira, o Ministro Augusto, patrício de Macaíba, vulto da maior projeção no cenário político, mental e administrativo do Brasil. Esta circunstância foi venturosa para Henrique, mas durou pouco aquela situação. Aos 68 anos, foi aposentado compulsòriamente. Como tivesse pouco tempo de serviço público. os vencimentos foram reduzidos a seiscentos cruzeiros mensais. Decadente, valetudinário, tendo gasto os bens patrimoniais com a saúde e os estudos, Henrique contava com aquela miséria para arrostar ainda cinco anos de sofrimentos. Por ini-

Labim/UFRN

ciativa da Academia Norte-Riograndense de Letras, secundada pela Federação das Academias, houve apelos instantes ao ditador, que tantas vezes campava de Mecenas: que amparava Raimundo Morais, nomeando-o inspetor federal de ensino; que indultara o escritor Monteiro Lobato; que aposentara Catulo da Paixão Cearense, com proventos integrais — no sentido de conceder a Henrique Castriciano o favor que a outros não faltara. Eu mesmo redigí o memorial da Federação, entregue no Catete. Tudo foi inútil. Um regime que despendia milhões de cruzeiros com a guarda pessoal do ditador, se negou, sob fúteis pretêxtos sugeridos pelo DASP, a fazer justiça a um escritor e poeta alquebrado pela desventura e pela idade.

Aposentado, foi viver no Rio Grande do Norte. Melhor diria "foi morrer", pois outra coisa não lhe aconteceu neste lustro final, senão morrer devagar. Quando, em 1942, fui me despedir dele, a bordo, tive a impressão de comparecer a um entêrro, trouxe o sentimento de quem abraça um amigo que se aparta para nunca mais voltar.

Em Natal, teria a ternura fraterna de Eloi de Souza, que vivia esmagado de dor ante o espetáculo daquela vida que se esvaía sem pressa e sem remédio. Contaria com a assistência desinteressada e assídua dos médicos da terra, todos seus admiradores. Retemperar-se-ia ao contacto do povo simples e bom, cuja odisséia imortalizou nos alexandrinos do "Abôio": —

Ah! como é triste o abôio! ah! como é triste o canto
Sem palavras — tão vago! — a saudade exprimindo
Das selvas do sertão, no mês de Junho rindo
Pelos olhos azuis das crianças, enquanto
No tamarindo verde, asas abertas, trina
A' beira dos currais, o galo-de-campina!

....

Essa magoada voz que acorda as soledades,
Essa trêmula queixa é o gemido e o brado
De uma raça infeliz, cujo longo passado
Simboliza o clamor da miséria e da fome,
Procurando exprimir tanta angústia sem nome.

....

Por isso, quando a voz do sertanejo entoa
O lamentoso abôio, a gente queda e cisma;
O nosso coração silencia e se abisma
No pego da saudade, e lá do fundo arranca
Não sei que doce flor emurchecida e branca.

Labim/UFRN

A letra da canção ninguém, ninguém conhece,
Mas sabemos que ali chora uma prece
Desolada e sutil, cuja modulação
Se coubesse num rítimo, era o do coração.
E quando o sertanejo, a larga fronte nua
Voltada para o céu, de onde sorrí a lua,
Diz, no cântico vago, o que a su'alma encerra,
Ah, nós sentimos bem que fala a nossa terra.
E' a raça cabocla, lusa e africana
Procurando expressar tanta dor sobrehumana.

* * *

Regressando ao torrão nativo, êle queria sentir as efusões fervorosas da amizade sem cálculo, da dedicação sem prêmio, os eflúvios do carinho envolvente e proverbial dos veros amigos entre os quais queria morrer.

Um derrame cerebral o prostrou. Dois anos esteve recolhido a um quarto particular do Hospital "Miguel Couto", onde Januário Cicco, nosso brilhante confrade, um dos mestres da medicina no Rio Grande do Norte, tudo envidou paar lhe aliviar os padecimentos. A ciência, porém, embalde esgotou os seus recursos. Daquele nosocômio foi transferido para a casa de saúde da Policlínica do Alecrim. Alí o recebeu o Dr. Pedro Segundo, filho do professor Luís Soares, diretor da Associação dos Escoteiros, alma desta instituição no Estado. Pai e filho o levaram para lá. Era a recompensa, a gratidão comovida do escotismo ao seu animador e fundador.

Visitei-o em 22 de Janeiro dêste ano, pela manhã. Eu fôra ao cemitério vizinho, cujo portão transpús após mais de dezesseis anos de ausência da terra natal, orar no túmulo de meus avós e irmãos. Não sei se terá sido a evocação dos mortos venerados, cuja saudade me acabrunhava, que me dispôs, insensivelmente, naquelas poucas horas que decorriam de meu ansiado encontro com a velha e querida cidade, a uma depressão, a um abatimento moral contra que só a custo reagí. Em tal estado de espírito, segui, quase automàticamente, para a casa de saúde. Entrei cauteloso, sob uma angústia indefinível. Minha emoção se acelerou quando vi Henrique Castriciano sentado em uma cadeira de balanço, quase de costas para a porta, o olhar distante e parado. O enfermeiro advertiu-me: "êle chora muito quando vê os amigos". Dando pela minha presença, esgazeou os olhos, tentou, em vão, estender-me os braços. Um sinal de júbilo se estampava naquelas faces torturadas, vindo do coração, que se sentiria em sobressalto com a visita inesperada de um velho e constante admirador e amigo, cuja devoção nunca dependera das oscilações da fortuna política.

Labim/UFRN

Aquela cadeira era o seu leito. Já sem comandar os movimentos, totalmente desdentado, alimentava-se pela mão do enfermeiro, reduzido à vida meramente vegetativa. A disartria implacável o impedia quase de se comunicar. O pior dêste quadro é que, sôbre tanta desgraça, o espírito se conservava lúcido, através do brilho do olhar e das reações instantâneas da fisionomia, próprias de quem acompanha, com nitidez de percepção e de raciocínio, a palavra do interlocutor. Algumas vezes, pude compreender o que êle desesperadamente engrolava. Desejei-lhe saúde, felicidades, expressões que, naquele caso, tinham uma significação vaga, simplesmente consoladora. Respondeu-me com uma dificuldade de cortar coração:

— **Saúde? Aqui só a morte.**

E soerguendo maquinàlmente os braços, chorava convulsivamente. Indagou por um amigo dileto:

— **José Vieira? Lembranças a êle**

Quando me inteirei de tôda a extensão dramática daquela agonia pungente, daquele ocaso de um homem de pensamento condenado pelo destino a emudecer, tratei de falar para êle, monologando. Dei-lhe notícias do Rio, da Federação, dos livros novos; manifestei-lhe minha alegria por me achar novamente em Natal, tão lindo e progressista: expús-lhe os planos de passeios, excursões, etc., etc. Veio um café, que eu lhe servi aos poucos, levando-lhe a xícara aos lábios. Entre um gole e outro, soluçava, os olhos fitos em mim, enquanto as lágrimas lhe inundavam o rosto. Demorei meia hora nesta visita, que me causou emoções inesquecíveis, que foram para minha sensibilidade uma prova de fogo. Ao fim da entrevista, minha capacidade de resistência estava exausta. Apressei a despedida, saí como que precipitadamente, para não agravar com o meu pranto a aflição de um moribundo.

O Beletrista

Henrique Castriciano foi um poeta fecundo, e jornalista que se pode considerar dos maiores de seu tempo. Em mais de quarenta anos de labor nas letras publicou quatro livros de versos: — "Iriações", Natal, 1892: "Ruinas", Fortaleza, 1899, prefácio do poeta paraibano J. Rodrigues de Carvalho; "Mãe", Natal, 1897, prefácio de Olavo Bilac; "Vibrações", Natal, 1903. Escreveu duas peças teatrais — "O Enjeitado", drama levado à cena em Natal, 1900, e "A Promessa", peça infantil, publicada pela revista "Cosmos", em janeiro de 1907, Rio. Anunciou um poema "Redenção de Satã", e um romance "O Tísico". Deixou um romance: "Os Mortos", cujos dois primeiros capítulos foram publicados na **Revista do Centro Polimático,** de Natal, em 1920 e 1921.

Na "República" de Natal, colaborou durante mais de 30 anos. Suas são as "Cartas Holandesas", estampadas naquele glorioso órgão da cultura potiguar, hoje humilhado nos andrajos de um simples bole-

Labim/UFRN

tim informativo. Sua colaboração na "Notícia", do Rio, poderia ser enfeixada em dois volumes. Foi amigo pessoal de Olavo Bilac, por cuja solicitação direta implantou, no Rio Grande do Norte, o escotismo; de Coelho Neto, de Clovis Bevilaqua, a quem dedicou o poema "O Abôio"; de Sílvio Romero, de Afrânio Peixoto, com quem viajou pela Grécia e pelo Egito. Ele e Eloi de Souza colaboraram na "Esfinge". Afrânio refere, na página 424 daquele romance, que declamou versos de Magalhães de Azeredo, na Acrópole, "diante de Henrique Castriciano, outro poeta querido".

Pertenceu ao **Grêmio Polimático**, ao **Instituto Histórico e Geográfico**, à **Academia de Letras** do Rio Grande do Norte, de que foi fundador e primeiro presidente, em 1937, e seu representante junto à **Federação das Academias de Letras do Brasil.**

Nos seus primeiros versos reponta, com insistência, a idéia da morte. E' uma poesia crepuscular, onde há pessimismo e desencanto. O esteta amava a solidão, o recato, o silêncio. Foi sempre um retraído, um timido, em rigorosa acepção. Na **Carta Aberta** ao mano Eloi, na "República" de 30 de Dezembro de 1896, datada no Tibau, confessa que é entre árvores que desejaria viver. Faz uma apreciação entusiástica dos "Prismas" de Rodrigues de Carvalho. E acrescenta "Recebí-os em Mossoró, mas deixei para lê-los com atenção aqui, entre coqueiros, tendo o mar a cem passos, e o céu como que mais perto". O vate paraibano, em 1899, faria, no prólogo das "Ruinas", em 30 páginas, uma análise fria e cruel da individualidade do autor, com os mais justos gabos ao seu estro.

Eis um soneto de 1892, inserto nas "Ruinas", no qual o poeta nos revela um temperamento afetivo, um estado psicológico exarcerbado pela rudeza do destino:

MEU PAI

Chegou a tua vez, meu pai! Caíste.

Luís Guimarães

Dezoito anos: é esta a minha idade,
Cheia de fel, da sombra, da incerteza
Ferido pelo espinho da tristeza
Ferido pelo pranto da saudade!

Mas, no meio desta crua ansiedade,
Do tormento brutal nesta fereza,
Eu ainda sei cantar a Natureza,
Ainda sei cantar a liberdade!

Labim/UFRN

Esta pesada cruz é bem mesquinha,
Para apagar a luz onde se aninha
A minha idéia — auroreado monte!

Mas p'ra vencer em nome da justiça,
Falta um braço de pai que aponte a liça,
Um seio amigo onde recoste a fronte...

Para inaugurar o teatro "Carlos Gomes", de Natal, H. Castriciano escreveu uma delicada peça infantil, em versos, que foi encenada naquela excelente casa de espetáculos, agora em tão lamentáveis condições de conservação. Esse ato, publicado na extinta revista "Cosmos", ficou conhecido em vários Estados, em cujos palcos foi representado, sob aplausos consagradores. Nestes lindos versos o poeta revela a promessa feita ao Senhor dos Passos, em hora de aflição, por uma extremosa avó, em um esfôrço supremo para salvar a vida da netinha, que, restabelecida, se opunha firmemente a que a privassem de suas lindas madeixas:

A AVÓ

....

O doutor, te abandonando,
Disse, na porta ao sair:
Chame o padre para ungir.
Foi quando, Rosinha, quando,
O meu coração sustendo,
Eu disse, doida, tremendo,
Abraçando os pés da Cruz:
Tornai-a robusta e forte,
Salvai-a, Senhor, da morte,
E as penas dessa andorinha,
Os cabelos de Rosinha
Serão vossos, meu Jesús!

Admiremos a fôrça do afeto filial que emerge da dedicatória dos versos de "Mãe":

"À memória de minha Mãe.

"... e desejando que estas pobres rimas fossem dígnas de tua memória, escrevi-as sôbre as páginas da Biblia, e sob as árvores mortas, à beira do Oceano (1), longe dos homens, no regaço amigo da Natureza eterna...

Labim/UFRN

"Possam elas, ó Mãe carinhosa e santa! purificadas pela amargura de minha solidão e de meu sofrimento, engrandecidas pela saudade que as ditou, — possam elas cair sôbre o mármore de teu túmulo, como uma chuva de pétalas de goivos, como um dilúvio de lágrimas... H. C.

"O Enjeitado", drama em 3 atos, agradou à geração do princípio dêste século, e hoje daria uma vitoriosa novela de rádio, com as suas cenas violentas, gritos histéricos, adultério, a matéria prima com que, em nossos dias, certas emissoras tecem sua literatura detestável e corrutora do teatro pelos ares.

Policarpo Feitosa (pseudônimo do ex-senador Antônio de Souza, que vive ainda em Recife, aos 80 anos), fazendo-lhe a crítica, um tanto retardada, pela "República", nos dá a conhecer o seu entrecho. O tema é o incesto, e se desenvolve através de cenas animadas, que vão interessando a atenção do público. Há algumas passagens ambíguas, mal encadeadas na urdidura da peça. "O Enjeitado" era **Arthur,** que se fez pintor. A mãe desnaturada, **Luciana,** cujo êrro foi acobertado por um casamento reabilitador, com **Gustavo.** Desta união, nasceu **Alda, Artur** encontrou quem se condoesse de sua desdita, e o criasse. Degenerou, tornando-se indingo de proteção. Nas encruzilhadas do destino, deparou com **Luciana** no seu caminho, ainda viçosa e atraente. Vieram a ser amantes. Toma-se de delirante paixão pela filha da companheira. O marido desta, sabedor de sua deshonra, apunhala **Artur,** que **Luciana** já havia identificado como o filho que abandonara 22 anos antes, — pela mecha de cabelos que lhe pendurara ao pescoço, e que êle oferecera à noiva e irmã, **Alda.**

E' a lenda de Édipo, transportada, mais uma vez, para a ribalta. E' a mesma história do **Olho de Vidro** (que, aliás, não foi mito) de Camilo Castelo Branco, e, com alguma diferença, d'"A Enjeitada", do mesmo autor: incesto, amores pecaminosos e punhais vingadores, ante platéias que se deliciavam com os motivos escabrosos.

Educador

Os sanatórios da Suiça renovaram aquele homem enfermiço, carregado de antigos males, mas sempre transbordante de esperança. Sua literatura, após a primeira larga temporada na Europa, transformou-se, refletindo a mudança benéfica no temperamento melancólico, consequência imediata do vigor do físico readquirido, do organismo restaurado. Já não seria o cético, o desenganado das "Ruinas", a ave agourenta da poesia. Sua permanência na Suiça foi uma ressurreição. O espírito deteve-se na observação atenta dos métodos de vida daquele povo extraordinário. Percorreu o País, visitou escolas, perquiriu os segredos de sua civilização, fez inquéritos pessoais, cujas

Labim/UFRN

conclusões pensava aplicar ao Brasil. Uma coisa lhe entrou pelos olhos: a perfeição daquela democracia incomparável, a felicidade, o progresso, o culto da ordem, tudo, enfim, provinha da educação popular. Os mesmos fenômenos o impressionaram na Bélgica. Retornando à Pátria, trazia no cérebro ardente idéias de uma reforma social da máxima importância, a qual seria alicerçada na educação da Mulher. Sôbre êste assunto, proferiu, em Natal, em 1911, uma conferência, lançando a semente da campanha que ia iniciar em prol da nossa sociedade. De sua conferência data uma era nova para os destinos da família brasileira. Outros rumos foram dados à preparação das nossas meninas para a grande missão que lhes está reservada: **a formação social do Brasil de amanhã,** consoante as palavras finais do orador.

Foi fundada a Liga do Ensino, que criou, em 1914, a **Escola Doméstica de Natal,** pedra fundamental da renovação dos moldes educacionais femininos em nosso País. Não imaginem os menos avisados que se trata de uma academia de cozinheiras. E' muito mais que isto. E' uma verdadeira universidade de donas de casa, que ministra às nossas patrícias elevada instrução, que cuida de sua personalidade sob o aspecto moral, artístico e social, relaciona-a com os complexos problemas da direção de um lar e de uma família, através dos trabalhos manuais da higiene, da puericultura, da economia doméstica, encarada metódica e cientificamente, segundo os modelos europeus.

Desfechando a sua corajosa ofensiva contra a rotina, há 36 anos, em uma então esquecida e pacata cidade nordestina, dizia o poeta, transmudado em apóstolo: — "Nação que começa, temos graves defeitos de caráter, a vontade inconsequente dos povos sem disciplina; e tais defeitos não podem ser eliminados por meio de reformas constitucionais, do ensino secundário e superior, ou por meio de mudança de regime eleitoral.

"Temos que começar pelo princípio, isto é, pela familia, de onde sai, para a escola e para a vida, o homem de amanhã.

"À mulher cabe a tarefa principal nessa nova educação, mas como poderá ela concorrer eficazmente para o fim desejado, sem a necessária cultura?

E, mais adiante, exclamava estas verdades ainda tão atuais:

"Temos alguma instrução, mas quase não temos educação; e, sem esta, é impossível formar um grande povo.

"Daí, o doloroso contraste observado entre nós, não sòmente entre o litoral, aparentemente civilizado, e o sertão inculto, mas entre a sala e a cozinha; nos grandes centros, entre o hábito exterior e as condições materiais do indivíduo".

Para dirigir a escola, não havia profissionais competentes no Brasil, familiarizadas com o novo sistema. Contrataram-se professoras na Europa, a princípio; depois, nos Estados Unidos. A escola es-

Labim/UFRN

tendeu o seu raio de ação pelos Estados do Nordeste, de onde lhe acorreram dezenas de alunas, pretencentes ao escol social. Nos primeiros tempos, tenaz campanha de má vontade e incompreensão se levantou contra ela. Uns temiam o **bovarysmo** entre as moças sertanejas. Outros, com Jackson de Figueiredo, se enchiam de receios quanto à ameaça que a influência de preceptoras protestantes poderia representar para a fé católica. Henrique Castriciano, encouraçado na fôrça de seu ideal, afrontou bravamente tôdas as borrascas, e a escola triunfou definitivamente. Seu nome é inseparável desta grande obra, de que êle, tão simples e modesto, entretanto se envaidecia. Melindrava-se quando o dissociavam das glórias da escola. Em 1.º de Agosto de 1939, houve, no Rio, uma expressiva homenagem a Mrs. Sheridan (Sra. Leora James), que, tendo dirigido a escola, estava após prolongada ausência, em visita ao Brasil, acompanhada de uma filha, brasileira de nascimento. A recepção solene e brilhante, que lhe fez a Associação Brasileira de Educação, compareceram representantes dos mais destacados dos nossos meios pedagógicos. Henrique e Eloi de Souza lá estiveram. Houve três oradores que saudaram a visitante ilustre, cabendo-me a honra de falar em nome do Rio Grande do Norte. Recordei a sua fase áurea à frente do estabelecimento, e não pude deixar de recordar o papel de Henrique Castriciano, de quem partiu o impulso inicial. Os jornais que noticiaram a festa, ignoraram a sua ação, o fiat do seu entusiasmo de iluminado, e omitiram até o seu nome entre os componentes da mesa. O poeta recalcou o desgosto que isto lhe causou. Meses depois, quando recebeu uma revista com o meu discurso, extravasou a sua queixa, em uma carta que me enviou de Natal: — "Meu caro Adaucto. Abraço fraternal. Só agora ví em lêtra de fôrma na **Revista Potyguar**, a sua bela saudação a "Dona Misse James" (como as mães das meninas sertanejas chamavam a grande educadora). E quero, mais uma vez, agradecer a você a generosidade de suas expressões a meu respeito, tanto mais valiosas quanto as vejo publicadas, depois do silêncio, aquele silêncio inqualificável da imprensa do Rio, deixando no limbo o meu nome, sem dúvida o julgando indígno de aparecer entre o dos figurões que a homenagearam a santa criatura, naquela bonita noite, e fizeram parte da mesa, a que eu, em má hora, fui chamado".

Entre as demonstrações de seu interesse educativo no meio provinciano em que lhe aprazia viver, é suficiente relembrar o que se lhe deve nas majestosas festas miguelinas, realizadas em Natal, há 40 anos, para glorificar a memória do herói natalense da Revolução de 1817. Foi a chama de seu civismo que se comunicou a tôdas as classes, no culto do Padre Miguelinho, cuja intrepidez e inteireza moral lhe valeram o martírio e a imortalidade.

Labim/UFRN

Henrique Castriciano e Nisia Floresta

Não houve norte-riograndense mais sentimentalmente apegado à sua gleba do que êsse artista de tantas rimas primorosas. Para onde ia, levava o Rio Grande do Norte no coração, e não se envergonhava de cantar bem alto a sua saudade e o seu amor.A sua preocupação com as coisas miúdas é início desta paixão. Na Cidade-Luz fugia aos prazeres mundanos, sempre cuidadoso com a saúde. Frequentava os **bouquinistes**, as bibliotecas, museus, livrarias, com o pensamento para as margens do Potengí. Assim é que, de lá, escrevia a Ivo Filho, pedindo provas tipográficas dos versos de Ferreira Itajubá, cujo livro póstumo foi publicado pela solicitude de Henrique e de poucos devotos do gênio de "Terra Natal", ainda agora estudado por Otoniel Menezes, em um trabalho cintilante.

Investigou sôbre a vida de Nisia Floresta na Europa, viajando quilômetros e quilômetros para entrar em contacto com as raras pessoas que a conheceram. Visitou o cemitério em que jazem seus restos, e conseguiu uma fotografia da sepultura. Correspondeu-se com a filha e as sobrinhas da excelsa escritora que ele arrancou do olvido. Foi a sua perene veneração por esta singular mulher de letras que a revelou ao Brasil. Era a patrona da cadeira que fundou, na Academia Norte-Riograndense, não tendo, porém, produzido o seu elogio. Sua admiração pela educadora e escritora nascida em Papari exerceu sôbre mim decisiva sugestão, e, vencendo dificuldades sem conta, reuní material para uma breve biografia, editada em 1941, a "História de Nisia Floresta".

Sua correspondência desse tempo atesta a simpatia com que acompanhava a minha temerária empresa, e me dava o incitamento de que eu precisava. Em julho de 1938, assim se expressava sôbre os meus primeiros ensaios acerca de Nisia Floresta:

"Prezado Adaucto. Só agora, chegando do interior, recebí, por intermédio de Eloi o 3.º artigo sôbre a nossa grande Nisia. Os outros me chegaram às mãos em tempo, e não acusei logo o recebimento, aguardando o último. Li-os todos com satisfação crescente, e é com a maior sinceridade que lhe envio um forte aperto de mão. Os que vieram depois de mim devem fazer como V., e não como uns tantos outros do meu conhecimento, que nada fizeram a não ser magoarem com a pecha de preguiçoso um que, se não trabalhou mais pela sua terra, é porque nem a doença, nem os desgostos lhe permitiram.

"A respeito de Nisia, poetisa medíocre, mas pensadora notável, a ninguém disse que estava escrevendo uma obra sôbre ela. O que anunciei, desde muito, é que andava procurando achegas para esclarecimento de sua vida, e neste sentido dei os passos que pude, infelizmente quase infrutíferos quanto ao essencial, que era saber a ex-

Labim/UFRN

tensão de suas relações com as grandes figuras do tempo, quase todos da escola romântica. Tudo quanto consegui saber de sua filha, depois de trabalhosa busca do paradeiro dela, é que se perdeu, num naufrágio, a sua correspondência com essas grandes figuras. Aguardo a publicação, em livro, de seu trabalho, contando escrever uma notícia mais ou menos circunstanciada a respeito.

"Acredito que outros trabalhos de valor, como o seu e o de Seidl, irão aparecendo, e acabarão esclarecendo a vida da nossa luminosa patrícia.

"Minhas felicitações pelo seu nobre esforço, e um afetuoso abraço do velho Henrique. Natal, 3, Julho, 1938."

Em 1941, não era por simples cortezia que ele se rejubilava com a publicação da biografia de Nisia, e, para me dar uma prova eloquente de sua satisfação, presenteou-me com os dois volumes da obra prima da escritora — "Trois ans en Italie" **suivis d'un voyage en Grèce** exemplares que pertenceram ao barão de Loreto. Desfalcara a sua opulenta coleção das obras de Nisia, justamente do seu livro literàriamente mais valioso, e hoje raríssimo. Fê-los acompanhar da seguinte carta, que dou à publicidade para documentar estas reminiscências: — "Natal, 25 9bro. 1941. Meu caro Adaucto. Remeto-lhe pelo correio comum os "Três Anos" de Nisia, troféu que você de mim obteve pelo muito que vem trabalhando pela memória da grande batalhadora. Reli a "Vida de Nisia" (2) com imenso prazer; é, sem sombra que faça dúvida, um belíssimo livro e uma boa ação do meu caro Adaucto.

"Peço-lhe que não me desafie mais a que escreva sôbre a ilustre patrícia: sinto-me no fim, cansado e doente, e já não é pouco ter ajudado a descobrir tão precioso veio de ouro.

"Que ano triste foi este que vai acabar! Triste para mim; para outros terá sido de ouro, e mal de nós todos se o mundo não fosse assim.

"Desculpe a letra e o estilo; escrevo de mau geito, e amanhecí gripado. Saudades. Muito afetuosamente, H. Castriciano". E em **post scriptum**: — "Peço-lhe que acuse, com alguma urgência, para minha tranquilidade, esta lembrança de nossa grande patrícia."

De então por diante, raras foram suas cartas. Descia cada vez mais para a sepultura. Em 30 de Janeiro de 1942, pedia desculpas por não ter respondido a duas cartas e a um telegrama, e se justificava: "Espero que o seu bom coração me perdoará o grave pecado de não ter respondido logo. Ando tão doente, física e moralmente, que passo dias e dias sem coragem para nada, e não tenho outro remédio senão recorrer à tolerância dos amigos em casos assim".

Muitos não acreditavam que tivesse chegado o fim, tantas vezes o viram dominar os antigos achaques, tão habituados estavam às

Labim/UFRN

suas lamentações, às suas gripes e nevralgias. Um longo penar lhe deu o complexo da doença. Sempre se julgava enfermo de qualquer coisa. Não admitia para si uma hora de higidez por dia. Entendia de medicina como pouca gente. Nas praias e sertões por onde perambulou, medicava a pobreza, diagnosticava com segurança, indicava medicamentos, desde a **batatinha de purga** até as injeções mais inculcadas pela ciência. Não era exercício de falsa profissão, porque êle se encarregava de fornecer as **meisinhas,** as pílulas, as ampôlas. Chegando ao Rio, ao Recife, a Natal, percorria as livrarias e as farmácias, fazia sua indispensável provisão dos **vient-dê-paraitre** e das novidades dos laboratórios. Seu quarto no **Magnífico Hotel,** de que foi hóspede durante anos, era atulhado de livros e jornais, bem como de **ouates et fioles** em profusão. Modificava o regime dietético, ingeria novas drogas, — as que os médicos prescreviam, e as que tomava por conta própria. E, desta maneira, prolongou a existência por mais de setenta e três anos.

Sofrendo e semeando fêz o seu **currículum vitae.** Sua morte não só enlutou os amigos, e consternou os confrades. O patrimônio cultural do Rio Grande do Norte empobreceu-se quando aquele generoso coração deixou de bater.

Henrique Castriciano penetrou na eternidade por entre a consagração dos seus coestadanos, e as homenagens da inteligência brasileira.

---

(1) Praia do Tibau, município de Areia Branca, Rio Grande do Norte.

(2) Equivocou-se com o título do livro, que é "História de Nisia Floresta".

Labim/UFRN

Labim/UFRN

Lourival Açucena

Virgílio Trindade

Palestra proferida na sessão comemorativa do 50.º aniversário da morte do poeta Joaquim Lourival de Melo Açucena.

São de Alberto de Oliveira estes versos:

Vês, com as arcadas negras, suspendida,
No ar, essa ponte imensa, o céu de um lado.
A terra do outro, o espaço ilimitado,
Seu nome queres tu? Chama-lhe VIDA.

E sobre essa ponte, minhas senhoras e meus senhores sobre essa ponte vae atravessando a humanidade, desde Adão, com os seus pecados e as suas virtudes, com os seus triunfos e os seus fracassos, com a sua mocidade fascinante ou a sua velhice aterradora e irremediavel.

Ponte sobre a qual venho atravessando tambem ha setenta anos, para o outro extremo de gigantesca interrogação, mesmo com o rotulo profundamente irônico de imortal.

Foi sobre essa ponte que atravessou Lourival Açucena, de 17 de Outubro de 1827 a 28 de Março de 1907, precisamente ha 50 anos, quando alcançou o Alem, com a alma cheia de harmonia e de sonhos que arrebanhara da terra, serenamente, displicentemente, talvez como se fosse a uma lapinha, a uma serenata, a um fandango ou a uma fogueira sanjuanesca.

Joaquim Lourival era filho, escreveu Câmara Cascudo, (aliás vou dizer a esta seleta e distintissima assistência, com especial satisfação, que foi em Câmara Cascudo que colhi os melhores informes de como viveu, tocou, cantou e amou em Natal, o grande vate, no século passado. E fecho o parentesis)

Joaquim Lourival de Melo Açucena ou melhor Joaquim Edwirges, era filho de Manoel Joaquim Açucena, Tenente da Polícia e que assistira a Revolução de 17, sacudido, forte, valentão, doido por brigas, possuia uma coleção de cacêtes, cada um com o nome da vitima. Tocador de Violão, cantador de modinhas, romantico, namorado de noites enluaradas e comedor de peixe frito nas madrugadas. Atravessava a nado o

Labim/UFRN

rio Potengi para ver a sua amada, linda criatura de 16 anos, um "broto", na expressão dos cronistas elegantes da atualidade. Esse broto era MARIA PACIFICA DE JESUS.

Tal arrojo de paixão fez lembrar o verso de Bilac:

Disse o luar: "Espera! que eu te sigo;
Quero tambem beijar as faces dela!"
E disse o aroma: "Vai, que eu vou contigo!"
E cheguei. E, ao chegar, disse uma estrela:
"Como és feliz! como és feliz, amigo,
Que de tão perto vais ouvi-la e vê-la!"

E assim, desse casal, Manoel Joaquim, o comprador de brigas, e Maria Pacifica, nasceu Joaquim Lourival, o poeta, o sereneiro, o marcador de quadrilhas, o artista dramático, o fazedor de brindes, figura obrigatória nas lapinhas, nas fogueiras, nos fandangos, nos pique-niques da Redinha, nas peixadas e serenatas dos Presidentes da Província, o compadre de meio mundo, ao mesmo tempo que era o Comandante do Destacamento da Guarda Nacional, burocrata que chegou á Chefe de Secção da Secretaria, o delegado, o Juiz de Paz, Oficial de Gabinete do presidente Gustavo Adolfo.

Em 1855, viveu o papel do Capitão Lourival, filho do General Facoll, no dramalhão O DESERTOR FRANCEZ e de tal modo o fez impecavel que os amigos o ficaram chamando de Lourival, alcunha que pegou de vez. Saindo do Ateneu, empregou-se no Correio, como praticante de Porteiro, com 16 mil reis mensais. Na Tesouraria Provincial chegou a Oficial Maior.

Colaborou em todos os jornais e revistas da sua terra. Seus versos, quasi em maioria, eram destinados ao violão e ao canto.

O radio, nesta Natal de Lourival, sem iluminação, sem calçamento, sem cinemas, sem transportes, sem Grande Ponto e Parnamirim, cheio de mata-pasto, de gameleiras e de pantanos, o radio devia ser um misterio, como as cousas do Mundo, antes da Criação. Mas havia, meus senhores, um radio possante, não sei se de ondas curtas ou largas, sem antenas, mas que irradiava por toda esta cidade, ia alem, transpunha o Potengi, chegava a São Gonçalo, alcançava a Redinha, não esta Redinha nova, de casas modernas, de maiões elegantes, de clubs chics e de lanchas possantes, mas a Redinha cha-

Labim/UFRN

mada "de dentro", aquelle pequeno paraiso perdido e apertado entre coqueiros e cajueiros eternamente irrequietos pelos ventos livres do Atlantico... Esse radio era o violão de Lourival, como um passaro dos nossos céus azues, livre, mavioso, incançavel por toda a redondeza, Barro Vermelho, Rua do Fogo, Passo da Patria, Pedra do Rosario e muitos outros pontos onde se erguem hoje bangalows e apartamentos e se joga tenis e foot-ball.

Aqui o temos apaixonado:

Em terra escabrosa,
De brenhas escuras,
Por entre fraguras,
Nasceu linda flor.
Ao ve-la senti
No meu triste peito
O magico efeito
Que produz amor.

E enquanto minh'alma
Se ardia penosa
Na chama inditosa
De louca paixão,
A flor inocente
Parecer dizia
Que unir-se queria
Ao meu coração.

Tentei arranca-la
De sitio tão feio
E por em meu seio
A flor que é meu bem,
Mas, ah! o cardume
De espinhos agudos
E urzes peludas
Meus passos contem.

E a flor que me encanta,
Vivendo entre espinhos
Ficou sem carinhos,
Ficou sem amor,

Labim/UFRN

E eu soluçando,
Chorosas endeixas,
Do fado mil queixas
Maldigo o rigor.

Quantas vezes ultra romantico de 1850:

Minha gentil Porangaba,
Imagem, visão querida,
Só teu amor me conforta
Nos agros transes da vida.

E após 12 versos, fechava:

Da vida o doce praser,
Em mim fenece e se acaba,
Só este amor não falece,
Minha gentil Porangaba!

Na satira tinha Lourival a corôa e o cetro. Arrastava pela rua da amargura as figuras predominantes daquela longinqua epoca, desde os presidentes da Provincia. Nada deixava passar sem a critica e a satira, o comentário chistoso. Por exemplo, em 1872 era presidente, Delfino Augusto Cavalcanti de Albuquerque, sujeito grave, circunspecto. Foi a Mossoró, e como era epoca de seca e impropria para passeio, surgiu logo a interrogação do porque da viagem de Sua Excelencia. Era seu secretário e companheiro de viagem Antonio de Andrade Lima, conhecido por Totonho Lima. Apareceu, então este versinho atribuido desde logo a Lourival:

Dizei-me, Totonho Lima,
Vós que sois rapaz de tino,
Que que foi fazer o Delfino
Naqueles invios sertões.
Vós que sois um dos mandões,
Homem grave e de critério
Dizei-me lá o misterio
Que encerra a tal viagem
Não vindes cá com bobagem,
Nem com historia de pato,
Nem tambem conversa fina.

Labim/UFRN

Sede fiel, sede exato.
Dizei-me Totonho Lima...

E nem se soube, aliás, por que o Sr. Secretario nunca, jamais, se dignou dar explicações.

* * *

Como a vida nem sempre é de cantos e encantos, Lourival teve o seu mau quarto de hora, e a isso já me referí por ocasião da minha posse nesta Academia, em 1943.

Esse acontecimento é que Lourival Açucena, em 1888, foi processado, condenado e cumpriu sentença, como responsavel por um desfalque de 600 cruzeiros, naqueles tempos 600 mil reis, quando na função de Administrador da Mesa de Rendas de Macau. Entretanto todos o conheciam tão honesto quanto era poeta. É que, como bem frisou Camara Cascudo, dirigia ceias festivas e serenatas, mas nos dominios da Mesa de Rendas é que o Administrador pouco cuidava. E dai... Mais uma vitima da boa fé...

Recolhido ao Quartel e logo depois á Fortalesa dos Santos Reis, nessa sentença de dois meses de prisão, teve Lourival um prolongamento da sua boemia, e tanto assim que cumprida essa, deixou-se ficar por mais 15 dias, entre os velhos canhões que, hoje, silenciosos, apenas enfeitam a praça André de Albuquerque, longe dos eternos embates das ondas...

A proposito de ter sido visto na missa, não sei por que cargas dagua, um cidadão que era protestante, ahi apareceu a satira de Lourival:

Ja vi o Mar em socego,
O òdio tornar-se amor,
Borboleta em beija-flor,
Pato virar-se em morcego,
Vi querer ser Papa um leigo,
Vi trabalhar a preguiça,
Vi se calar a Justiça,
Mas inda não tinha visto,
Perante a imagem de Cristo,
Evangelista na Missa...

* * *

Labim/UFRN

POLITICO — Lourival conhecia as labias dos homens dos Partidos, os segredinhos, as manhas, o jogo de empurra, as promessas, os conchavos, tudo isso que atravessou até aos nossos tempos, e se alguma cousa o desiludiu na vida foi a politica.

Amaro Beserra Cavalcanti, Chefe de real valor *in illo tempore,* como se diz nos Evangelhos, candidato a Deputado, pediu o voto ao velho amigo Lourival e conhecendo-lhe o desejo de fazer parte da Assembléia Provincial, assegurou a sua inclusão na chapa. Veiu a eleição e viu Lourival que fôra barrado. Ficou fulo, e é de crer que tenha se esquecido até do violão. Passaram-se os tempos. Chega a eleição para a nova Legislatura. O presidente da Provincia, que era Pedro Gomes Leão Veloso, de quem o autor da "Porangaba" era velho admirador, pediu-lhe o voto para o Dr. Amaro Beserra. Ahi Lourival recusou-se, alegando que havia sido ele, Amaro, amigo da Onça ou coisa equivalente naquela epoca.

Ponderou então o Presidente que francamente não soava bem ver-se um Deputado de violão ao peito, cantando modinhas, ao luar...

E Lourival, então, estrilou:

— Meu crime é cantar, Excelência? Pois é melhor cantar que zurrar, e sabe bem Vossa Excelência que na Assembléia não se faz outra coisa!

Eu não sei em que ponto de Natal ficava a Assembléia, onde os Deputados discursavam, ou zurravam, no conceito causticante de Lourival, mas sei que isso custou-lhe a demissão de Oficial Maior da Tesouraria Provincial. Saiu, então, editada, musicada e popularizada aquela tremenda chula tão conhecida e tão real:

Você pergunta, Yaiá
Porque deixei a politica?

Prometem ao pobre povo
Um governo angelical,
A terra da Promissão,
Um paraiso ideial,

Porem quando trepam,
Cessam as cantigas,
E tratam somente
De suas barrigas...

Labim/UFRN

Nas vesperas da eleição
Vão á casa do compadre,
Dão beijos no afilhado,
Rasgam sedas á comadre

E o pobre diabo
Entrou na rascada
Tomando sopapos,
Servindo de escada.
Eles vão p'ra Corte,
E o compadre fica
Bebendo jucá
E dose de arnica...

Hoje Sancho é muito bom,
Amanhã Sancho é ruim,
Ja fica sendo um demonio
Quem foi ontem serafim.

Eu não os entendo,
Eu não os percebo
E nessa enredada
Se os percebo...cebo...
Por isso safei-me
Sem barulho e arenga

E livre-me Deus
Da tal estrovenga,
Ja ouviu, Yajá?...

Foi, igualmente, de acentuado destaque a atuação de Lourival no Teatro. Em 1850, com outros companheiros, fundou a "Sociedade Recreativa Juvenil". Fez-se, então, um casarão de palha na praça do Rosario, e, segundo resa uma "Ata Diurna" de Camara Cascudo, esse teatro era no local onde agora se ergue o "Dispensario Sinfronio Barreto". Em 1853 incendiou-se. Como? Surgiram algumas versões, e só posso garantir aqui que não surgiu a hipotese de haver sido provocado por um CURTO-CIRCUITO...

Em 1854 fundou-se a "Sociedade Teatral Apolo Rio Grandense", que entrou em pouco tempo no "Ja Teve". Existiu tambem a "Sociedade Dramatica Natalense", de 1868 a 1870.

Labim/UFRN

Foram levados á cena *Camila no Subterraneo, A Loucura ou o riso da dor,* e outros dramalhões dessa especie, hoje arquivados *per omnia secula...*

* * *

A Academia Norte Rio-Grandense de Letras tem se movimentado brilhantemente na evocação das datas do nascimento ou morte dos conterraneos nossos que deixaram não só um rastro de luz, porque rasto dá impressão de simples vestigio, mas perpetuamente uma fulguração. Foi, pois um belo gesto a comemoração de agora, do cinquentenário da morte do grande vate potiguar, Joaquim Lourival de Melo Açucena.

Pena é que, ocupante da cadeira que tem o seu nome, coubesse a mim tomar a vossa atenção, meus senhores e minhas senhoras, quando poderia terem sido estes momentos preenchidos numa oração brilhante.

Ha, porem, a compensação na certesa de que a lembrança de Lourival, que, ha 50 anos, deixou a sua morada na antiga rua das Laranjeiras, enquanto su'alma transpunha a grande e invisivel ponte de que nos fala Alberto de Oliveira, a lembrança de Lourival, terá a duração do luar.

Todas as vezes que voltarem as noites enluaradas a iluminar o Céu, o Mar, os desertos, as praias, os montes, os campos "tabas, serralhos, tendas e solares", toda essa maravilha saida das mãos de Deus em seis dias, cada luar será uma evocação das serenatas do grande poeta natalense, com o seu violão perpetuamente mavioso, e a su'alma perpetuamente alegre...

Foi por isso que, de Lourival disse esse brilhante espirito que foi Henrique Castriciano:

"Na sepultura em que deitaram o seu corpo mirrado e inerte, ficou dormindo, para todo o sempre, a velha alegria dos nossos avós."

Labim/UFRN

Bezerra Junior -- tapuio esquisito e excentrico

M. Rodrigues de Melo

Elogio fúnebre, proferido pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo, em 24 de outubro de 1957, na Academia Norte Riograndense de Letras.

Precisamente, há trinta anos, numa cidade do interior, num dia de finados, um poeta fazia uma conferência sob o título "Os dois únicos amores". Esta cidade era Currais Novos. E o poeta chamava-se Bezerra Junior. Ali circulavam a êsse tempo um jornal e uma revista. O jornal chamava-se "O Porvir". A revista tinha o nome sugestivo de "Ninho das Letras". Intelectualmente, a cidade possuia dois grupos de letrados que o cabotinismo e a vaidade não tinham ainda separado em *velhos* e *novos*. Eram letrados à moda antiga, fazendo versos parnasianos, preocupados com a métrica, com os hemistíquios e as cesuras, perseguindo as "chaves de ouro", escrevendo crônicas, rebuscando os estilos, ciosos do artigo de fundo, especializados em noticiário, ora de aniversário, ora de políticos, ora do set local, ora de coroneis, ora de passageiros e viajantes e não raro de intelectuais. Ali passava, vêz em quando, Jorge Fernandes, tendo o seu nome registrado nas fôlhas locais, com publicação obrigatória dos *Poemas das Serras*. Ali esteve Bezerra Junior, fazendo conferência sôbre os "dois únicos amores". Ali esteve Manuel Agripino de Santana, intitulando-se "humilde conferencista baiano", fazendo o elogio da mulher brasileira. Ali passou Barrêto Sobrinho, fazendo conferência e visitando o cemitério, onde falou homenageando a memória do Coronel José Bezerra de Araújo Galvão. Ali passou Manuel Onofre, fazendo uma conferência sôbre os "Herois do Rio Grande do Norte". Ali estiveram Luís da Câmara Cascudo e Dioclécio Duarte, fazendo discursos nas homenagens póstumas ao patriarca da Aba da Serra. Ali passavam, vez por outra, os governadores do Estado, José Augusto e Juvenal Lamarti-

Labim/UFRN

ne, administradores e homens de letras, posteriormente chamados, uns e outros, ao seio desta Academía. Ao grupo de *Ninho das Letras* pertenciam Padre Pedro Paulino Duarte da Silva, Vivaldo Pereira de Araújo, Gilberto da Cunha Pinheiro, Tristão Barros, Mariano Coêlho, Olivia Mélo, Sinhá Coêlho e Baldômero Chacon. Do grupo de "O Porvir" faziam parte Gilberto da Cunha Pinheiro, Nelson Geraldo Freire, Everton Dantas Cortez, Manuel Rodrigues de Mélo, Pedro Pereira e outros. A êstes veio juntar-se depois o poeta Epaminondas Lisbôa, que residiu durante vários mêses, em Currais Novos, sem falar em colaboradores espontâneos como Hugo Maia, de Caicó, Oscar Macêdo, de Santana do Matos, Martins Varela, do Recife, embora norte riograndense de nascimento. Ali estiveram ainda Anísio Galvão e João Norberto, o primeiro historiador e o segundo glotólogo, autor de um livro, "vendido na fôlha", duramente criticado pelos "gramáticos" locais, cujo valôr, anos depois, vi enaltecido por Graciliano Ramos. Aí está, em ligeiro esboço, o panorama da *Cidade dos Patriarcas*, na fase de 1925 a 1928. Bezerra Junior, amigo de Vivaldo Pereira, nas suas andanças pela praia de Touros, onde o jornalista seridoense costumava veranear, combinou com êste a sua visita a Currais Novos. Foi ali que nos conhecemos pela primeira vez, na noite de 2 de Novembro de 1926. Depois da conferência, apresentado ao público por Vivaldo Pereira, estivemos juntos, longas horas, conversando, declamando versos, falando em mil coisas de arte e literatura. Nessa ocasião recitou-me o *Poema da Tarde*, cuja cópia prometeu remeter depois da sua volta a Natal. Dias depois recebia eu um envelope contendo um recorte de jornal. Era o Poema, que foi lido em meio de curiosidade e embevecimento. Êsse obséquio, natural entre oficiais do mesmo oficio, iria ser o começo de uma velha e longa amizade, só interrompida com a morte. Êste, o motivo, porque, chamado a fazer o elogío fúnebre do acadêmico Bezerra Junior, senti que era antes um dever de consciência do que uma obrigação meramente formal e regimental. Aquela noite, em Currais Novos, à maneira do "traço tôdo da vida", de Nabuco, marcou para nós, para mim e para êle, um "pano de fundo" de tôda a nossa existência sentimental e artística. Recordar, é mal dos velhos, dizem uns, decadência de espírito, afirmam outros, falta de fôrça para criar e sugerir, concluem os iconoclastas. Penso de modo contrário. Recordar é amar, e só ama quem vive a coisa ou objeto amado. Recordar é, portanto, um ato de amor. Só recorda quem ama e só ama quem possui ener-

Labim/UFRN

gia vital, fôrça espiritual, consciência da realidade da coisa amada. A nossa presença, nesta sala, não é mais do que um ato de puro amor. Amor ao passado e às tradições do Rio Grande do Norte, amor aos valôres morais, intelectuais e artísticos de nossa terra, amor aos patronos e aos companheiros desaparecidos, amor a tudo quanto expresse e signifique a valorização de nossa terra e de nossa gente. Por isso mesmo é que a recordação do nome de Bezerra Junior, tão perto ainda de nós, no tempo, mas tão distante no espaço, que nos dá plena consciência e certeza da eternidade, não é mais do que um ato de amor. Amor à pessôa humana que êle representou em vida, amor ao intelectual, ao homem de inteligência e de espírito que êle era, amor ao poeta, cantor das nossas selvas, dos nossos rios, das nossas paisagens, dos nossos arrebóis, das nossas manhãs, dos nossos passarinhos, dos nossos sertões, intérprete fiél da nossa psicología social, dos nossos costumes, das nossas queixas, das nossas alegrias e tristezas, de todos os altos e baixos, de todos os tons e entretons do nosso espírito e da nossa mentalidade. Poeta, sobretudo, Bezerra Junior possuia um modo especial, particular de interpretar a natureza e a alma humana. Em nenhum poeta de nossa terra se evidencia melhor a sentença de que o "estilo é o homem". Pois em Bezerra Junior tudo é pessoal, tudo reflete a esquisitisse do seu temperamento, do seu modo de ver, ouvir, dizer e cantar. Antes, porém, de vermos a sua vida e a sua obra, vejamos as suas origens. Filho de Joaquim Alves Bezerra e Ângela de Jesus Alves Bezerra, Joaquim Alves Bezerra Junior nasceu em Natal, à Rua Formosa, atual Ferreira Chaves, no dia 19 de Maio de 1890, onde residia seu pai, estabelecido com venda de sêcos e molhados. O velho Joaquim Alves Bezerra era tão trabalhador quanto prolífero, Moçoroense de nascimento, casou-se duas vêzes, além de um "encosto", tão comum na vida dos "garanhões" nordestinos... Do primeiro matrimônio com Ângela de Jesus Alves Bezerra, houve seis filhos, descritos pela ordem do nascimento: Maria Júlia, casada com Teodomíro, residente no Amazonas; Maria Leonor, casada com José Louro, em primeiras nupcias e em segundas com Norberto Tomás, residente em São Paulo; Francisco, casado a primeira vez, com Francisca Esmeraldina e a segunda com Maria da Conceição; Joaquim, casado com Artemísia; José, casado com Luzía, falecido. Antônio, casado com Iraci Lopes, em primeiras núpcias, e em segundas com moça de Manáus, indo morar em São Paulo. Este Antônio era poeta e deixou três livros: "Ídolo Partido", "Almenára" e "Na-

Labim/UFRN

da"; Carolina, casada com Francisco Pinheiro, falecidos; Amaro, casado com Celestina, morreram em Rêgo Moleiro. Do segundo matrimônio com Izabel, filha de Antônio Xavier de Souza, de Utinga, nasceram os seguintes filhos: Elias, morreu solteiro Gonçalo, casado com Anita, em primeiras nupcias, e em segundas com Cecília; Maria da Glória, Ceci e Joaninha. Ao todo 13 filhos, 6 mulheres e 7 homens. Joaquim Alves Bezerra Junior era o quarto filho do primeiro matrimônio. O velho Joaquim Alves Bezerra, moçoroense, néto de tabelião, veio para Natal muito moço. Carpinteiro exímio, deixou o ofício para estabelecer-se com venda de sêcos e molhados, na Rua Formosa, atual Ferreira Chaves.Mais tarde, vendeu o negócio e passou a ser empregado nas Obras do Pôrto, ocupado no serviço de fixação das "Dunas". Posteriormente, vendeu as casas que tinha e comprou a propriedade "Ilha do Capim", em São Gonçalo. Ali construiu salinas, vendendo sal em alqueires para tôda parte. Como nas stórias da *Carochinha,* veio a Maré Grande e comeu as salinas... Voltou o velho Joaquim Alves Bezerra à sua antiga profissão de carpinteiro, em Natal. Como é bom possuir um oficio... Mais tarde deixou a carpintaria, indo viver de agricultura, em Ceará-Mirim, no sitio "Capim". Lá ficou enterrado, depois de tanto lutar com a vida e por fim com o impaludismo. O velho Joaquim Alves Bezerra, homem prático, calejado na luta pela vida, não tinha muito cuidado na instrução dos filhos. Maria Júlia, a filha mais velha, era quem se encarregava desse mistér. Ela mesma ensinava aos "meninos". Maria Júlia, Joaquim e Antônio revelaram, desde logo, grande tendência para as letras. Joaquim e Francisco estudaram com Ferreira Itajubá, na Rua do Comércio, hoje Rua Chile. Depois, com a professora Zefinha, pernambucana, em "Barreiros", São Gonçalo. As *meninas* estudaram com D. Izabel Gondim. Joaquim Alves Bezerra Junior exerceu, inicialmente, a profissão de carvoeiro nas Obras do Pôrto, embarcando, depois, no navio "Natal", que fazia o serviço de transporte entre o Sul e o Norte do País. Essas viagens deram-lhe, sem dúvida, uma melhor visão do mundo, das coisas e dos homens. Posteriormente, sentou praça no Exercito Nacional, onde exercia a função de Músico na Banda do Regimento. Nesse período frequentou a Escola do professor Clementino Câmara. Colaborou em diversos jornais e revistas do Estado, destacando-se "O Prego" de José Cabral de Macêdo que tinha em "O Martelo", de Francisco Bianor, o seu grande contendor. Funcionário da Inspetoria Federal das Obras Contra as Sêcas,

Labim/UFRN

em Santa Cruz, chegou a ocupar, interinamente, a Chefia daquele Serviço, nas ausências do titular. Transferido depois para o Melhoramento do Pôrto de Natal, ali serviu com dedicação e amor, no cargo de Secretário, que exerceu até o momento de sua aposentadoria.

Homem simples e bom, tinha horror a farras e serenatas. As suas cismas, os seus lazeres e vagares eram preenchidos com música,leituras, poesia e no enternecimento da família. A caça, a pesca e o futebol eram os esportes da sua maior predileção. A despeito de afirmar nos seus versos que não tinha amigos, revelava-se fiél e sincero nas amizades. Excêntrico, por natureza e temperamento, era retraido, evitando aparecer em festas e reuniões, até mesmo às que era chamado e convidado. Casado com D. Artemísia Costa Bezerra, Bezerra Junior deixou o mundo às 11, 10 do dia 18 de Setembro de 1957, deixando na desolação e no pranto os seguintes filhos: Luiza, Wilson, Múcio, Aurélia e Edith, esta casada com o Tenente Wilson Araújo Chaves, Oficial da nossa Marinha Mercante. A Academia, presente a todos os atos da sua morte, na pessôa do seu Presidente, desde a hora extrema ao seu sepultamento, no cemitério do Alecrim, rende-lhe agora o preito da saudade maior, que é o elogio da sua pessôa e da sua obra. Bezerra Junior, já pela sua modestia desmedida, já pelo seu feitio excêntrico, pouco aberto a expansões levianas e gratuitas, não chegou a revelar de modo total os tesouros escondidos da sua alma e as belezas do seu grande, generoso e nobre coração. Sentimental e humano, como todo latino americano, sublimava os seus sofrimentos, as suas revoltas, as suas desditas, traduzindo-as, não em atos de violência, mas em poemas, em madrigais, em versos que dão, por assim dizer, a medida do seu valôr e da sua capacidade de resistência ante as tempestades e os ciclones da própria vida. Examinando a sua obra poética, descubro nela um traço que posso classificar de único na poesia norte riograndense. Quero me referir ao sentido profundamente telúrico que enche as suas produções. Regional, naturista, selvagem, reclamava com intermitências de cabôclo, com reincidências de mameluco insatisfeito, a volta ao deserto, à solidão, às matas, ao sertão. E a propósito, aqui recordo a alegria, o ar de satisfação com que o vi pela primeira vêz, conversando a plenos pulmões, noite a fóra, balançando-se numa rêde, estendida na minha "República", em Currais Novos, sobre coisas de arte e literatura. Só agora compreendo melhor o sentido verdadeiro daquela palestra e

Labim/UFRN

daquela alegria que borbulhava em seu rôsto. Era o tapuio, meio selvagem e meio bronco que, envolvido nas malhas tentaculares da civilização, tentava, vez por outra, romper as cadeias e voltar definitivamente à selva, à mata, à solidão, ao deserto. Não falo em falso nem de oitiva. Exemplo dêsse estado cotidiano de espírito, é o seu livro "Poemas da Selva", publicado em 1929. Abrindo o livro diz êle:

"Versos, uma hora de repouso apenas...
Depois podeis partir, podeis sozinhos
Ascender ao mistério, e que vos ouçam
A piedade e a compaixão do Mundo!
Ide! Enfrentai a tempestade imensa!
Penetrai a mansarda escura e fria
Onde a ternura é um cântico divino!
Ide! Bebei nas fontes do deserto
O perfume dos brôtos solitários.
Aos ventos da manhã podeis, tranquilos,
Engrinaldar a fronte da serrana.
Ide, ó filhos queridos de minhalma!
Lá onde o nardo, o malmequer, o lírio,
Na selva perfumada onde nascestes,
Na verde alcôfa da floresta ondeante,
Onde a voz do zagal fala à Natura,
Cantando o sonho aurifulgente e meigo
Do seu sensivel coração amante;
Lá, ouvireis os trémulos gorgeios
Das avenas mais quérulas que a noite,
E encontrareis um vale, em cujo seio
Podereis voejar entre o perfume,
O' Musa egrégia de minhalma errante!
Vosso canto mais puro do que a linfa
Que entre penhascos desce eterna e mansa,
Falará de um passado que recordo
Entre visões de luz na minha estrada!
Ao vosso amor acudirão mil vêzes
Os alados troveiros da floresta!
Ide! Cruzai estranhos oceanos,
Onde o sangue ofegante em peito ardente
Pulula de paixão, pulula e chora
Na saudade do amor desconhecido!
Ide à linda Normândia do meu sonho
Brincar entre os vapores da alvorada

Labim/UFRN

Como cisne real... ide aos saudosos
Pomares, onde errei no meu destino
Horas perdido entre esquisitas flôres
Como um gênio do azul descido à Terra !
Ali, à sombra dos chorões esguíos,
Lembrareis o meu berço, em cujo sólo
Arrosto uma existência de martírios.
Do passado querido eu tenho nalma,
Vivo, o esplendor da luminosa estância!...
E em vós amei a felicidade extrema
De um porvir infinito como os astros!
Amei aos vinte anos, quando a vida,
Risonha quadra tentadora e amiga
Sorria, entre o dever e o misticismo
Da virgem, cuja imagem solitária,
Às vêzes passa no meu sonho de ouro,
Como a lembrança de um viver ignoto,
Que a consciência definir não pode.
Versos, queridos versos meus, são tantos
Os ocasos da vida, que esta lira
Confusa, treme em vibrações profundas,
Na mais inspiradora nostalgia!
Ide ao país das esperanças mortas,
Onde um dia, cantando como um bardo
Consagrei ao meu último suspiro
A mais terna ilusão da mocidade...
Poeta e amante de um porvir, sonhando
O castélo dos íntimos desejos
Que refloriam vívidos na mente
Em fôgo, à beira de um tremendo abismo!
A virgem-flôr, ó versos meus, outrora
Como um gênio do Céu, passou-me nalma,
Lesta, empunhando o cetro de princêsa,
Vida em fóra cantando o meu destino,
E perdeu-se, deixando-me no peito,
Como a luz de um relâmpago no Espaço,
A cicatriz de fôgo, imensa, eterna!
Ide, meus filhos, recebei contentes
O batismo do Céu, porque, na Terra,
Talvez o vosso manto de neblinas,
Seja rôto à blasfêmia dos tiranos!"

Labim/UFRN

Desferido o primeiro canto, em que saúdo os primeiros versos, a que chama simbolicamente "Primeiras Aves", repisa o têma afirmando em "Floral":

"Cresce! Distende os braços teus sôbre esta
Velha, infeliz e mísera choupana!
Não faz mal, quero além da voz humana,
Viver no coração de uma floresta.

Não quero que outra habitação modesta
Assim, distante da árida savana,
Se destaque mais bela, à soberana
Paz, desta vida eternisada em festa.

As cigarras que venham para o idílio
Dos meus sonhos de poeta solitário,
Basta; à tranquilidade destas matas,

Ao descambar do sol, um dôce brilho,
E, após, para o meu canto extraordinário,
Susurre ao longe a voz das cataratas."

O livro é todo êle um apêlo à selva, à mata, à solidão, ao canto das cigarras, a tôda uma miríade de pássaros e insetos que vivem solitariamente na mata regional. O poeta, esquivo, insatisfeito e compungido, grita para a solidão num apêlo de evidente desespero:

"Solidão, minha irmã, a realeza
Do meu talento, em ruina, destronada,
Foi pela própria mãe repudiada
Contra a divina lei da Natureza.

Dá-me o teu seio, ó filha da tristeza!
A musa — tua luz, desamparada,
Trás ainda na fronte macerada
O real diadema de princêsa.

E, se a saudade não pungisse tanto!
Se o teu singelo coração se abrisse
Para guardar-me as lágrimas do pranto !

Labim/UFRN

Surdo ao bramido atroz dos desenganos,
Repetiria sôbre quem me ouvisse
A maldição terrível de Africanus."

O drama interior prossegue. E, depois de exprobar o abatimento em que vive, exclama:

"Volvo agora ao teu seio
Cansado de sofrer!"

E adiante diz:

Dá-me a paz do teu flórido regaço!...
Tu és o meu tesouro...
O! Deixa-me beber
Na fonte abandonada do deserto,
A agua clara e sadia!
E então da umbela do páu darco louro,
Para escutar de perto
A sinfonía lírica das aves,
Quero, entoando madrigais suaves
Cantando, adormecer."

Bezerra Junior, poeta da solidão, cantor das matas, abismando-se nos silêncios cismadores da floresta, com ares mais de tapuio esquisito e excêntrico do que de civilizado, não poderia deixar de ser ao mesmo tempo um grande prescrutador das cigarras e outros bichinhos da natureza.

Por isso mesmo são muitas as passagens do seu livro em que alude com insistência às inspiradoras fábulas de La Fontaine, dedicando-lhes excelentes e magistrais sonêtos. Vejamos o sonêto "Cigarra", que dedicou a Henrique Castriciano, príncipe da poesia norte riograndense:

"Cigarra, minha amiga, vivandeira,
Das velhas matas úmidas, escuras,
Dissipa as minhas negras amarguras;
Canta, se ouviste, a minha história inteira.

Dileta, inseparável companheira,
Aprende a ser nas minhas desventuras,
O mél feliz das ilusões mais puras,
Nesta existência rude e passageira!

Labim/UFRN

Vives cantando um madrigal tão dôce,
Tão cheio de mistérios, tão divino,
Como se um sonho inteiramente fôsse;

E, ó minha amiga, não me compreendes...
Eu descobri que ao som do teu violino,
Somente as selvas e o deserto entendes."

Encerrando o volume, insiste no têma da solidão, não para ficar com ela, mas para partir, deixá-la, depois de fazer várias observações. Ouçamos o sonêto "Deixando a Solidão":

"Obedecendo à mater Naturêza,
Parto afinal. Que as árvores frondosas
Floresçam! Que as acácias perfumosas
Resem por mim nas horas de tristeza!

Que o sol não créste a lânguida beleza
Destas paragens rústicas, brumosas!
— O turbante das serras silenciosas,
— Êste campo, êste rio e esta devesa!

Parto, levando a dúvida comigo!
Adeus, flôres anônimas! Que a treva
Jamais penetre a enxerga do mendigo!

Adeus! Outro destino além me aguarda!
Talvêz...êste poder que assim me leva
Seja, quem sabe? a morte que não tarda."

Como vimos acima, o poeta, deixando o seio umbroso da floresta, onde predomina, por excelência a solidão, despede-se dela, considerando-se "mendigo" de paz e de socego, prenunciando até a própria morte. Isto, porém, não se realiza, felizmente. Em 1935 publica o segundo livro, cujo título é bem uma confirmação do que vimos afirmando. Não foi por acaso ou inadvertidamente que escreveu a palavra "Naturêza" no frontispício do seu segundo livro. E a prova é que o abre dizendo:

"Vem comigo! A mata inspira
Cantigas que o amor não tem!"

Labim/UFRN

E em seguida confessa, no sonêto "O Meu Templo":

Êste é o meu lindo templo. Entrai. De um lado,
Entre lírios, saudades e açucenas,
Pompeia à luz do Sol enamorado,
O lago azul das minhas cantilenas.

Vêde, em frente, o caminho ladeado
De manacás, onde em canções amenas
Flóra, à luz das manhãs calmas, serenas,
Vem visitar seu principe encantado.

Livre e sonhador de todo êste tesouro,
Tenho comigo um pentacórdio de ouro
Que das mãos do destino arrebatei;

Sou menestrel — possuo esta virtude,
Tenho a glória nas cordas do alaúde
E a fantasía heráldica de um rei.

Êste sonêto é uma espécie do convite, preparação para investir a mata que se debruça à sua vista. Logo em seguida diz no "Poema da Mata":

"Eis a mata! Onde a flóra se debruça
Em viridente amor!
Quando o sol cubiçoso o olhar aguça,
Penetrante e fatal;
Meu gênio de cantor,
Como um silfo ideal desperta e vôa,
Na glória espiritual
Desta manhã formosa,
Pousando em cada flôr.
Ao meu canto a celeuma das abêlhas

Invade a solidão.
Aqui, ali, uma cigarra açoita
Seu mágico instrumento,
Em maviosa e trémula canção.
Enquanto o sol a despedir centêlhas

Penetra o isolamento,
O meu gênio a esvoaçar de moita em moita,

Labim/UFRN

Perspicaz e sutil,
Ouve Pantéia descuidosa e meiga,
Apascentando o seu feliz armento,
Na iminência das íngremes quebradas

Longínquas ... mais além, a esconsa gruta ,
Repercutindo o hino da saudade,
Enche-me o coração de suavidade,
Que a vida não contem.

O Céu, o puro Céu divinisado
Pelo ouro do sol,
Como o fundo de um quadro desbotado,
Mas refletindo as pompas do arrebol,
Empresta ao lindo e preguiçoso rio,
Na glória matinal.
A epopéa de um cântico de estio."

No "Poema do Êrmo" insiste no têma da solidão dizendo:

"Eis-me, enfim, no sertão,
Livre do horror da tétrica cidade,
Libérrimo, a cantar,
Sorvendo o olor das flôres do deserto,
Ouvindo o meigo e divinal concerto
Dos pássaros em festa."

E repisa:

"Como é dôce habitar
Uma casinha branca,
Aos arrulhos de lânguida asa branca,
Da noite ao descambar!"

Uma análise mais detida da obra poética de Bezerra Junior mostrará que êle era antes e acima de tudo um torturado, sabendo transformar em dôces e maviosos madrigais, os sofrimentos da sua alma pura e bôa. Os encargos da família, os deveres absorventes da profissão, os dissabores íntimos, longamente represados, ao lado de um forte e acentuado atavismo cabôclo que herdara dos avoengos tupís, extintos mas não vencidos pelos colonizadores, davam-lhe aquele ar tristonho, taciturno e calado de quem muito sofria e muito pensava. Talvêz por isso o têma da Solidão não o abandonava nunca.

Labim/UFRN

No livro "Manacás", que deixou inédito, pintou de maneira quase brutal, o seu drama interior, afirmando no prefácio — : "Unicamente só, atravessei os mais ásperos caminhos, durante esta quase secular existência de peregrinação na terra. Coisa, aliás, que o mundo desconhece. Desde que comecei a ver melhor as coisas, habituei-me à Solidão! A natureza é minha. Pertence-me. A pouca disposição que sinto para levar esta existência desapareceu no meio do bulício das cidades. Os velhos caminhos que trilhei na infância são os mesmos de hoje, — meus grandes amigos. Sem amizades, que sempre reputei prejudiciais, tenho vivido no seio materno da Naturêza que me recebe sempre de braços abertos, e ali está tôda a minha felicidade".

Está feito o diagnóstico do poeta. Nada mais precisaria adiantar para bem conhecê-lo. Abrindo o livro o fez com a poesia "Solidão" que assim começa:

"Torno ao campo feliz, embora perto,
Chore uma fonte solitária e fria,
Escondida no seio mais deserto
Da mais escura e abrupta penedía.

Que importa, vivo só, não tenho amigos,
A não ser êste campo que verdeja,
Para os meus sonhos liriais, antigos,
— Mansão tranquila que ninguem deseja.

Aqui é tudo languidês, saudade...
Para as almas que vivem na loucura
Dôce — e — amarga das horas da cidade
Êste dôce retiro é uma aventura.

Quem não conhece as noites do degrêdo
Deste deserto que busquei sorrindo,
Jamais compreenderá o áureo segrêdo
De um sol de outono quando esplende, abrindo.

Torno ao campo onde os dias mais formosos
Rindo eu colhia o malmequer selvagem,
Cantarolando aos ventos buliçosos
Dos velhos gitiais pela ramagem.

Labim/UFRN

Sou tranquilo na minha solidade...
Aquela fonte solitária e fria,
Nas horas mais serenas de saudade,
Resa comigo quando morre o dia."

Impossivel, nos estreitos limites de um discurso, acompanhar o poeta em todos os passos da sua *via crucis* em busca do ideal sublime da solidão, só atingido de modo completo e integral pelos anacorêtas que se votam inteiramente à contemplação da vida sobrenatural.

Deixemos êsse ângulo da sua vida e da sua obra, e passemos a outros de feições mais dôces e amoraveis. Bezerra Junior não se deixou impregnar somente do ideal da solidão e do deserto. A sua poesia está cheia de vozes, expressões, gritos, áis, soluços que evocam na sua pureza mais singela os mais dôces e delicados panoramas de nossa terra. Poeta, por excelência regional, não se perde em devaneios,, mas fére, preferencialmente, os têmas locais, cantando a naturêza,as flôres agrestes, o sertão, a mata, as aves ribeirinhas, os rios e riachos, o açude, as tardes, as manhãs, o outono, o inverno, as estradas por onde andou e percorreu, a cidade onde nasceu, os lírios, os gitais, os malmequeres, as rosas, os manacás, os bugaris, e todo um complexo extraordinário de aves, coisas e cambiantes de nossa terra que formam a natureza viva do sagrado torrão onde nasceu. Acompanhá-lo nessas particularidades, seria não acabar nunca. O seu estilo, as suas predileções intelectuais, a escola a que se apegára desde as primeiras produções literárias, o gênero da sua poesia, o metro de sua preferência, o gôsto, o verso branco ou rimado, tudo isso daria motivo a longas e minuciosas análises que o tempo não comporta nem a ocasião é oportuna. Devo, no entanto, lembrar que Bezerra Junior não foi autor de um só livro ou de algumas poesias esparsas. Além de "Poemas da Selva" e "Natureza", publicados, respectivamente, em 1929 e 1935, deixou ainda inéditos "Manacás" e "Placidês", poesias, sem falar nos romances de feição regional, intitulados "Lírio Aldeião" e "Timbó". Cantor excelso da terra e da gente potiguar, Bezerra Junior não poderia deixar de sentir e interpretar o gênio, a graça, os dons admiraveis do nosso povo, traduzindo em versos sentimentais e comovedores, os sentimentos mais simples da nossa gente praiana e serrana. Êstes são representados pelas modinhas que escreveu, e fôram, em sua maioria, musicadas por Eduardo Medeiros. Ainda me

Labim/UFRN

recordo de letras e solfas de modinhas e descantes como aquela que dizia:

"Da terra onde nascia a dôce aragem
Não fala-me de ti, Clélia adorada,
Nem mesmo o vento frio da alvorada
Mormura o nome teu saudosa imagem"

E de tantas outras que encheram os dias e as horas das gerações dos últimos cinquenta anos.

Meus Senhores:

E' tempo de concluirmos. Antes, porem, ouçamos um pequeno e delicado poema de Bezerra Junior, dedicado aos cégos, que dá bem a medida do valôr e da sensibilidade do poeta, cuja memória reverenciamos neste momento:

"Os cegos cantam pelos caminhos
Canções tão lindas de enternecer!
Se a noite é negra, êles, sozinhos,
Cantam cantigas pelos caminhos,
Cantam saudades para viver!"

Labim/UFRN

Labim/UFRN

Palavras de Agradecimento

Múcio Alves Bezerra

Comovido, faço uso da minha palavra, nêste momento, a fim de agradecer em nome de minha família, o elogio fúnebre que há pouco foi proferido à memória do meu pai — Acadêmico Bezerra Junior.

Em primeiro lugar, Sr. presidente, agradeço o seu esforço espontâneo para algo fazer que trouxesse à tona da obscuridade o verdadeiro talento do meu pai, embuçado pela modéstia.

Meus Srs.: deixo finalmente aqui os meus sinceros agradecimentos a homenagem que a Academia Norte-Riograndense de Lêtras — da qual meu pai foi membro, acabou de lhe promover, e que tivemos a satisfação de presenciar. Dou-me por agradecido.

Antes, porém, de concluir, desejo ressaltar no momento algumas passagens da vida daquele que foi "o grande anônimo" e dizer, embora em resumidas palavras, algo sôbre o seu temperamento estranho.

O poeta Bezerra Junior foi acima de tudo uma criatura simples, bôa e por demais singular. Singular, sim, pelo seu amor à Natureza e ao silêncio que emana do seu seio como uma bênção de Deus, para os que o compreendem.

Sentia verdadeira aversão ao convívio social. Seus olhos nunca se afeiçoaram ao brilho das salas luminosas. Êsse mesmo brilho ofuscava-lhe as retinas afeitas ao cosmorama da solidão, — a companheira dos poetas e dos tristes, que lhe inspirou os seguintes versos:

"Solidão, companheira estremecida!
No teu seio formoso há mais estrêlas,
Do que tôdas as noites desta vida!"

Amava de coração a paisagem florida dos campos verdes, na harmonia balsâmica das matas de sua terra, tantas

Labim/UFRN

vezes cantada no fervor do seu estro panteísta. Seu talento passou pela terra como uma estrêla oculta entre nuvens. Dificilmente se deixava sair da sua constante meditação, como se quizesse guardar apenas para si a "quintaessencia" dos seus sentimentos digamos, espirituais. Sòmente na mocidade, sempre sob o rebuço da modestia, foi que se fez aparecer, publicando dois livros de poesia, percorrendo os nossos sertões, onde apresentava recitas simples, colaborando em velhos periódicos de Natal, como O PANGAIO, O PARAFUSO e outros, compondo as imortais "Natália", "Eugênia", "Tuas cartas", "Endeixas", "Camponesa", tantas vezes ouvidas nas prediletas e boêmias noites do Rio Grande do Norte de outros dias.

Depois... Encimesmou-se, igual ao brilhante poeta português Bulhão Pato que, ao sentir o gêlo da velhice trazendo-lhe o beijo frio do desencanto, resguardou-se do mundo, encerrando-se em si mesmo.

Tive o privilégio de ser na velhice do meu inesquecivel pai e amigo, sôbre tudo, o filho cujos sentimentos mais se coadunavam com os seus.

Quando eu era criança, levava-me a ver aquêle vale alfombrado de flôres rústicas, onde êle vivera a sua meninice feliz. Falava-me, então, com saudade e tristeza, do tempo em que se banhava na água clara e corrente do rio que passava com a sua cantiga eterna e maguada no oitão da casa paterna. Lembrava as noites festivas do São Gonçalo quando, sem o saberem, os seresteiros dali cantavam os seus primeiros versos, musicados por êle mesmo, com o violão de jacarandá da tia Júlia. Versos êstes que foram com êle para o túmulo, pois sòmente êle e mais ninguem os sabia. Sempre que estávamos a sós êle cantava para mim as suas canções preferidas e declamava velhos poemas seus até então inéditos para mim.

A propósito, uma certa vez êle me revelou que, tendo selecionado algumas de suas poesias, formara um pequeno livro que, num momento de tédio, por motivo que desconheço, lançara nas águas do rio Potengí.

Era assim meu pai:-um homem cujo temperamento revelava um espirito por si próprio superior, alheio ao bulício de um mundo diante do qual êle era uma grandeza, porque sabia conservar acima de tôda a miséria humana, a sua personalidade de sonhador das coisas transcendentes que fazem com que o homem, analisando-as, sinta-se muito mais perto do apice que

Labim/UFRN

assinala o limite divisor que o separa do "todo" universal.

Ultimamente, o meu velho, em nossas íntimas palestras, falando-me sôbre o seu passado distante, me dizia: "eu vivo do passado... Nada me dá maior prazer do que recordar a passada vida".

Dificilmente se encontrará, neste século em que vivemos, um homem como foi meu pai: um chefe de família compreensívo e exemplar como êle o foi. Nos últimos dias da sua vida parecia perceber estar próximo o fim de tudo. Já doente, mêses antes do seu desenlace, em uma manhã radiante de Maio, foi rever pela última vez o paraiso da sua infância morta.

"O vale tão cheio de lembranças" onde os "seus roseos pés de criancinha" tantas veses passaram" ... E quando retornou desse passeio, alanceado pela tristeza e o desencanto, gemeu, de voz trêmula e comovida, o seu canto de cisne, o sonêto *Finis:*

"Velho e doente, a procurar repouso,
Neste vale tão cheio de lembranças...
Aqui vivi na quadra das crianças
Na dôce estância da ventura e gozo.

Naquela idade, o céu harmonioso...
Flôres no campo, risos e bonanças...
Aves mil a cantar nas verdes franças
E o rio,a refletir o azul formoso.

Hoje, depois de tantos anos, velho!
Carregado de sombras, conduzindo
O tropel da velhice e o desconforto...

O céu me inspira salutar conselho:
Retorna á enxêrga! O campo é lindo,
Mas não dá vida a um coração já morto!"

Enquanto nós, seus filhos e esposa vivermos, viverá dentro de nossas almas, na saudade imortal que nos deixou a sua ausência, — o seu nome, essa asa mística a pairar em nossos pensamentos! Que a sua matéria fria durma o seu sono eterno... Porém, estou certo, a sua alma viverá cantando no eterno azul, no êxtase que a Luz proporciona ás almas sensitivas (as dos poetas sôbretudo) que viveram sôbre a terra com os pés na lama infecunda, arrastando as cadeias da matéria, mas com a cabeça batendo nas estrêlas!

Labim/UFRN

Labim/UFRN

Saudação ao Governador Sílvio Pedroza

Otto Guerra

Gabriel Marcel, o renomado filósofo, lamentava, em livro recente, essa preocupação de nivelamento por baixo, que a tantos arrasta neste século no afã terrível de burocratização do mundo.

Ai de nós, os que nos batemos pela formação das elites, quer de elites culturais, quer de elites operárias por mais humilde que seja a profissão, se não nos empenhamos, vivamente, pela valorização de gestos que importem na luta contra a massificação coletiva.

Sem dúvida, é mais comum entre humanos, festejar os que assumem posições de mando, que testemunhar gratidão, ou render preitos a cuantos pisam a soleira das portas de saída.

Nesta Casa de Letras, sr Governador Sylvio Pedroza, cometeríamos, no mínimo indelicadeza remarcada se na hora em que V. Excia., por um imperativo normal nos regimes democráticos, se apresta para transmitir ao seu sucessor a direção executiva dos destinos do Rio Grande do Norte, silenciássemos o reconhecimento mais sincero pelo que foi feito em pról da cultura de nossa terra, de um modo geral, e pela Academia Norte-Riograndense de Letras, de maneira particular.

Certo ainda é muito cedo para um juizo imparcial, sereno, completo, sôbre o govêrno de V. Excia., por quasi cinco anos. Nem êste seria o momento indicado, pois aqui se trata de uma justa homenagem, de um preito de gratidão, cujo coroamento está na outorga ao governante ilustre, do título de Sócio Honorário da Academia.

Inciado em trágicas circunstâncias, perturbado vez por outra, pelo cauterio das sêcas, foi o seu govêrno, sr. Sylvio Pedroza, pautado ninguém o negará, pelo respeito sistemático às liberdades constitucionais sem convulsões político-partidárias, sem lutas de campanário, tão comuns, em certos períodos da nossa história, onde não se póde apontar quem deva lançar a primeira pedra.

Labim/UFRN

Já ouví de alguém no entanto, a queixa amarga de que V. Excia., com hábil diplomacia, promovera uma espécie de dissolução branca dos partidos políticos em nossa terra, governando de fato embora não de direito, sem oposição e, também, sem situacionismo, reunindo a todos, via de regra, em seu derredor, salvante uma ou outra exceção.

O assunto, por sem dúvida é daqueles que demandam análise arguta a cargo do futuro historiador. Este buscará as razões maiores dessa trégua original. Cremos que êle não poderá carregar tanto a mão se acaso entender de condená-la na habilidade inegável do jovem político, porém muito mais na falta real de vontade para a definição de posições, da parte daqueles que preferiram a indiscriminação generalizada.

Aliás, o fenômeno regional parece mais o reflexo do próprio ambiente nacional, que anda a reclamar uma reestruturação efetiva e corajosa dos quadros partidários, em bases cada vez menos personalistas e cada vez mais doutrinárias, sob pena de constantes impactos à própria essência da democracia vivida realmente.

Sente-se que falta conteúdo à nossa vida política, que se vai gastando no empirismo quotidiano, obrigando os que governam a um tremendo esforço de natureza pessoal para a obtenção de equilíbrios essenciais à marcha da coisa pública.

Deixemos, porém, meus senhores e minhas senhoras, um terreno que não é dos mais propícios para debates, principalmente num cenáculo de letras e numa hora destas. A outros essa tarefa de filosofia política.

Quanto a nós, apontemos tão somente a habilidade do chefe de governo, que teria seguido à risca os conselhos da prudência que outros poderiam não ter seguido como se houvera escutado aquela advertência do rei dos persas contada por Xenofonte na Ciropédia:

"...um chefe que se irrita contra todos os seus subordinados comete um grande êrro; e se a muitos intimida, muitos inimigos faz e irritando-se contra todos, a todos sugere a idéia de formar algum conluio contra êle".

Proclamem-se fatos. V. Excia. sr. Governador não alimentou ódios, não perseguiu, não humilhou. E se somente a distância com o decorrer dos tempos vai permitir a perspectiva indispensável ao historiador, entretanto, já é possível assinalar episódios, quadros ou facetas que irão depois inserir-se na visão global do analista como esboços ou estudos de pintor no preparo do quadro principal e definitivo.

De sua parte a Academia Norte-Riograndense de Letras cumpre o dever elementar sr. Governador Sylvio Pedroza de proclamar de público, a elevada compreensão demonstrada por V. Excia. relativamen-

Labim/UFRN

te aos problemas da cultura, prestigiando as letras, os estudos em suas diversas manifestações.

Nunca menos de cinquenta publicações de autores conterrâneos se fizeram no seu governo pela Imprensa Oficial, constituindo o mais valioso estímulo para quantos ou, pela pobreza pessoal ou pela escassês de recursos do meio, de outra forma nunca ou dificilmente poderiam ter aparecido.

Talvez essa falta de estímulos maiores explicasse aquele fenômeno já descrito, com felicidade pelo ilustre confrade Edgar Barbosa, num dos seus discursos acadêmicos de recepção:

"Raro é o poeta norte-riograndense que não mereça a esta hora o prematuro qualificativo de saudoso. A vida e a realidade quotidiana os afastaram da literatura como de uma casa mal assombrada. E vivos, morreram quasi todos de desânimo ou de outra moléstia pior, que é êsse frio no coração e na alma, êsse tédio ante a inspiração e um certo horror, cheio de arrependimento, aos versos que perpetraram. Alguns chegam até a renegar o seu passado com as musas como se a Poesia fosse um companheiro libertino e depravado".

Se passássemos da poesia para a prosa, para a investigação histórica, econômica ou social, mais difícil ainda a situação dos desejosos de imprimir seus trabalhos. Pois vivemos numa terra em que o labor intelectual pouco rende, constituindo a impressão de um livro por conta própria empreendimento de prejuizo inevitável.

Havia, de há muito, sabemos, todos, uma lei sôbre publicações de livros por conta do Governo. Mas a verdade é que poucos logravam as alegrias de uma vitória final.

Dando passo mais avançado. V. Excia., sr. Governador, acaba de instituir, por força da lei n. 1.369, de 1.º do corrente, regulamentada pelo decreto n. 1.756 por coincidência hoje publicado no Diário Oficial do Estado, prêmios anuais do Governo para os trabalhos que se escrerem versando temas de literatura, arte, pesquisa social, história, geografia, antropologia, folk-lore, além de outros, entregando o julgamento a entidades respeitáveis, como sejam a Academia Norte-Riograndense de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e a Sociedade Brasileira de Folk-lore, todas sediadas nesta Capital.

Nem é possível esquecer a atenção dispensada a embaixadas de cultura, trazendo até nós homens do porte de Gilberto Freyre, de Nilo Pereira, de Heitor Carrilho, de Gilberto Osório, para somente citar os nomes que ocorrem no momento, permitindo uma aproximação maior entre intelectuais nossos e de outros pontos do país.

Também não se deve esquecer que foi no govêrno de V. Excia. que tomaram impulso definitivo os estudos de nível superior em nosso

Labim/UFRN

Estado, recebendo todo apoio as Faculdades de Farmácia e Odontologia, de Direito, de Medicina e o preparo da futura Faculdade de Filosofia.

De maneira, particular, porém, a Academia Norte-Riograndense de Letras deseja salientar o que V. Excia. tem feito pela mesma, primeiramente lhe dando constante prestígio, comparecendo às reuniões solenes, oferecendo por vezes, o próprio salão nobre do Palácio Potengí para àquelas de maior influência. Depois manifestando apoio econômico decisivo que vai permitir a construção da séde própria, pela doação do terreno, localizado no bairro de Petrópolis, junto à Vila Potiguar e pela oferta para venda em benefício da construção da séde da mesma academia, de perto de mil exemplares da magnífica "História do Rio Grande do Norte, de autoria do nosso confrade Luís da Câmara Cascudo.

Torna-se V. Excia. por conseguinte merecedor de uma distinção raramente conferida pela nossa Academia, o título de Sócio Honorário, que lhe vai ser entregue nesta mesma sessão solene pelas mãos do nosso presidente.

Sr. Governador Sylvio Pedroza.

Consegue V. Excia. aliar em sua pessoa, qualidades que dificilmente se juntam. De um lado, o senso de esteta, o gosto pelas coisas da cultura, um tom natural e nada forçado dessa aristocracia de maneiras que vai rareando e que nem o dinheiro, nem a posição logram suprir por si sós. De outro lado, uma capacidade, também natural e nada forçada de afeiçoar-se aos esportes mais em voga, a vida livre dos campos, as correrias perigosas das vaquejadas, o contacto popular sem constrangimentos.

Umas e outras vão permitir-lhe deixar o govêrno do Estado, prosseguir em sua vida privada, sem o remorso das perseguições, sem o isolamento dos que se colocam em torres de marfim. E com a satisfação de ter dado ao Rio Grande do Norte um impulso da cultura e da inteligência.

E' esse o testemunho da Academia Norte-Riograndense de Letras, que assim reitera os seus agradecimentos mais vivos, ao seu sócio honorário de hoje.

Labim/UFRN

Agradecimento do Governador Silvio Pedroza

Agradecendo a homenagem que lhe foi prestada pela Academia Norte Riograndense de Letras, pronunciou o Governador Sylvio Pedrosa a seguinte oração:

Agradeço a vossa homenagem, Senhores Acadêmicos, sob sincera e profunda emoção. Dentre quantas me têm sido tributadas, no curso de minha vida pública, em nossa terra, esta é, certamente, das que se situam em signos altos, raros e nobres, e tanto mais expressiva e honrosa por partir do mais autorizado e ilustre centro de cultura e inteligência do Rio Grande do Norte.

Sei que a vossa manifestação de apreço visa, sobretudo, o governante, sob cuja iniciativa o Estado concedeu benefícios e proporcionou ajuda à vossa instituição. Quero aproveitar a oportunidade, entretanto, Senhores Acadêmicos, para acentuar que, no conjunto das minhas noções pessoais sôbre o dever de um administrador figuram em plano absolutamente superior, as obrigações referentes à cultura e à arte. Qualquer obra de govêrno, para ser digna desse nome, há que envolver atitudes e soluções no sentido do estímulo e do prestígio aos valores intelectuais, artísticos e culturais, — elementos cuja presença significa o índice da vitalidade e do progresso de qualquer comunidade.

Somos, nós deste Estado, uma pequena província política, geográfica e cultural, na imensa e numerosa paisagem brasileira. Nossos fatos e nossas legendas, todavia, se esmaltam do brilho e da grandeza de nomes que constituiram, sob prisma do talento literário e da expressão artística, honra e brazão de qualquer outra unidade da Federação. Só motivos temos portanto, senão para orgulho ou vaidade, ao menos para uma convicção do justo valor de nossa posição nos quadros da inteligência nacional. A poesia, a ficção, os estudos críticos, o ensaio, o jornalismo, a história, os estudos jurídicos e sociais, a

Labim/UFRN

etnografia, o folclore, possuem, em nossa gléba, cultores de relêvo e merecimento refletindo-se em trabalhos e exemplos do mais alto teor, na continuidade das nossas gerações.

Vossa Casa, Senhores Acadêmicos, está cheia da presença de vultos daquele porte e daquela projeção, pois, para apenas falar dos mortos, lembro que os vossos numes tutelares cobrem, com as suas augustas sombras e memérias, todo o território literário, artístico e espiritual de nosso Estado.

A' frente da atual administração, sempre me constituiram interesse e cuidado os problemas da educação e consequentemente da cultura. Assim, de quanto me foi possível realizar, no decurso do governo, encaro, como dos atos de maior expressão o incremento dado ao ensino público através da construção de prédios escolares à altura das nossas necessidades e do nosso nível de desenvolvimento intelectual e físico e a reestruturação dos quadros do magistério primário, secundário e superior, em condições de justa e merecida compensação, além do apoio e da ajuda à criação e à ampliaãço do nosso parque universitário. E isso, exatamente, pela compreensão da importância desses fatores básicos, na expansão e na floração da cultura geral de qualquer sociedade humana. Quero com estes detalhes, Senhores Acadêmicos, frisar que desde o início, me tracei uma orientação em torno desses assuntos e fiz quanto pude para seguí-la até agora, num desdobramento de planos que abrangeram tanto as escolas como as instituições culturais, por sentí-las parcelas integrantes do mesmo espírito de progresso científico, literário e artístico.

Recebo, nestes dias finais de governo, a vossa homenagem, inclusive o alto diploma de sócio Honorário de Vossa Academia, como um testemunho de que andei no caminho certo..

Muito obrigado, Senhores Acadêmicos.

Labim/UFRN

CARAMURU

Esmeraldo Siqueira

Ano de mil quinhentos e dôze,
Da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo
E de El-Rei Dom Manuel, o Venturoso.
Oh! saudosos tempos do Brasil recemnascido!
Tudo lhe era, então, um berço esplêndido:
Céus azúis, alvas práias, verdes matas,
A solidão da natureza vírgem
Com seus mistérios e sortilégios...
Conta a imaginosa lenda
(A verdade histórica sempre desaponta)
Que, naquêle remoto comêço de século,
Naufragando nas costas da Baía,
Diogo Álvares Correia se salvara
Por haver matado a tiro um passáro
Diante dos espantados tupinambás.
— Caramuru! Caramuru! —
Teriam gritado os inocentes canibais.
Diogo foi acolhido como um deus
Na taba do valente Itaparica
E passou a viver idilicamente
Ao lado da formosa Paraguaçu.
Refletindo sôbre esta lenda,
Lembrei-me de compará-la a minha história.
Eu também naufraguei nas costas brasileiras
Num comêço de século, mais ou menos
Quatrocentos anos depois da façanha de Diogo.
Desgraçadamente, mudaram os tempos.
Quantos pássaros tenho abatido
Diante da indiferença dos selvágens!

Labim/UFRN

Labim/UFRN

Visões de uma Sinhá Moça

Nilo Pereira

Saudação a Madalena Pereira, na sessão de lançamento do livro OITEIRO, promovida pela Academia.

Um livro solto ao vento, como diz a própria autora, é OITEIRO, de Maria Madalena Antunes Pereira. Vi-o sofrer as vicissitudes do tempo, perfumando-se cada vez mais da poesia que o conservou puro e idílico pela vida tôda. Devia caber à Casa Euclides da Cunha, ao gôsto provinciano e quixotesco do escritor Rodrigues de Melo, presidente da Academia Norteriograndense de Letras, homem telúrico, a iniciativa de inaugurar com essas Memórias de uma Sinhá Moça a Coleção "Nísia Floresta", associando ao nome de uma mulher notável, tanto de París quanto de Papari, êsse outro nome de mulher igualmente viajada nas dimensões do espírito: Madalena Pereira. As coisas mais íntimas, mais sem importância no cotidiano simples de cada um, podem adquirir um sortilégio universal: basta que as toque, màgicamente, o poder da arte para que a emoção criadora se transforme na mais pura e autêntica beleza.

A edição de OITEIRO, Pongetti, 1958, com as letras verdes do título principal, sugere na côr dessa legenda o mundo encantado do vale do Ceará-Mirim; e a paisagem do canavial, dominada ainda, patriarcalmente, pelo carro-de-boi que é, no Nordeste, todo um ciclo histórico-sociológico, faz com que, antes de penetrarmos no mistério dessas Memórias, nos detenhamos a ver e a ouvir mover-se um cenário de infância, ondulando maciamente em reminiscências líricas.

O feitiço dêsse livro está nas visões que saem de sua narrativa, como uma procissão de figuras familiares, em tôrno das quais os fatos compõem a história encantada de menina e moça, o poema romântico das horas que silenciaram no tempo, para que pudessem vibrar ao toque renaniano de um mundo submerso.

A infância e o oitizeiro

Quem conhece Madalena Pereira sabe que, há longos anos, a elaboração do seu livro de memórias constitui a sua própria vida. Escreveu-o ao impulso do seu temperamento de memorialista, do seu gôs-

Labim/UFRN

to de fixar as coisas eternas — a família, os cenários sentimentais, o curso da existência, o vale, a sombra do oitizeiro, as amigas, as companheiras, o mundo interior cheio de lembranças, que todos temos e que avultam pelo prestígio romântico da infância, na qual estão os ecos adormecidos do deslumbramento perpétuo. "Êste livro não tem prefácio", escreve a autora. E não precisava ter, porque a vida escreve naturalmente o seu romance; e nada a justifica melhor do que uma palavra, um gesto, um olhar imobilizados no tempo, onde todos deixamos impresso o nosso rosto. Essa grandeza das coisas humildes e obscuras revive na poesia do cotidiano. Basta isso para que tenhamos de repente, em cada reminiscência, mais do que um livro ou um poema ou uma composição musical — a própria vida na sua simplicidade, no seu mistério, na sua perenidade.

Helena Morley, no seu delicioso livro MINHA VIDA DE MENINA, uma exceção ilustre, como observa Luiz da Câmara Cascudo, na literatura feminina de memórias, no Brasil, refere o conselho do seu pai: — "Escreva o que se passar com você, sem precisar contar às suas amigas e guarde neste caderno para o futuro as suas recordações". E mais adiante, sempre advertida pelo conselho paterno, que a levou a escrever, dia a dia, quase hora a hora, um dos relatos mais simples e mais transparentes de ingenuidade e de lirismo, faz essa como que ressalva que não prejudica a narrativa: — "Êste conselho que meu pai me deu de deixar às amigas a minha vida e os meus segredos e escrever no caderno, é na verdade bom por um lado e ruim por outro".

O caso de Madalena Antunes Pereira é diferente. O livro nasceu por si mesmo, da necessidade interior de dizer e de falar, da celebração emocional do oitizeiro acolhedor, do encanto dos jardins, das lendas infantis, dos resedás, do canto dos pássaros, da misteriosa penumbra que, em noites enluaradas, saía das sombras fantásticas, da infância cheia de poesia e de alumbramento, de um pequeno universo ao qual o verde do vale dava a tonalidade de um esperança bíblica, forte como a fé.

O oitizeiro deixa de ser árvore para ser templo. "O' velho oitizeiro! — exclama a autora, como se alí nascesse o seu panteismo doméstico. Figura do passado. Templo de minhas primeiras impressões". A árvore é agora figura do passado, humaniza-se, converte-se em nome próprio, cria alma, ressôa de vozes, agiganta-se em catedral, litùrgicamente sonora nas suas recordações, arvore-plural, floresta mágica de duendes e lendas, de sonhos e anseios. Ontem, era a assombração com os seus braços alongados em sombras densas, aterradoras; hoje é o refúgio da inspiração, o culto, a religião doméstica, o canto heróico bafejado pelos gênios bons do vale.

Labim/UFRN

A viagem: distância no tempo e no espaço

Não é, certamente, uma viagem maravilhosa essa que Maria Madalena Antunes Pereira faz, no espaço e no tempo, do seu Oiteiro até o Recife, onde a chamava o mais afamado Colégio da época, o Colégio São José, do qual havia saído mestra consumada a D. Yayá Câmara. Tudo se passa lentamente, como se as coisas parassem para o desfile da caravana do senhor de engenho, que começava a sua missão de educar os filhos fóra da Província. A paisagem da infância recuava aí, proustianamente, para se fixar melhor na distância sentimental. A liteira punha na jornada a sua nota histórica de ancestralidade fidalga. A lagôa de Extremoz espelhou misteriosa e o canto do sino, imortalizado no soneto do desembargador Antônio Soares, vibrou abismal e poético.

Podia ter sido, como para Auta de Sousa, o Colégio escolhido o da Estância. Mas, não, o Colégio tinha de ser o de D. Yayá. Mais tarde, no seu livro, lembraria a poetisa do HORTO. Queria ser também um lírio. E rematou, no entanto, cheia de modéstia cristã: — "Eu seria apenas a haste espinhosa da planta rasteira".

Dessa viagem ao fim do século ficou-nos a impressão de uma aventura em que o risco, por sinal, seria o menos: o essencial estava na sedução do Colégio, que seria para a sinhá moça do Oiteiro o que o Ateneu foi para Raul Pompéia, a sabedoria didática na infalibilidade dos mestres, imortalizados em aquarelas pedagógicas, nas quais Aristarco irrompe, hierático, para a perspectiva heróica da história.

As mestras, anjos gloriosos

No Colégio, a Superiora contentou-se em dizer à menina que vinha do Ceará-Mirim: — "Seja boazinha, que tudo lhe correrá bem..." Deve ter dito o mesmo a muitas outras, a tôdas, mas sem imaginar, decerto, que uma palavra possivelmente burocrática tem um novo e imprevisto sentido cada vez que se reproduz, abrindo um mundo diferente e estranho às perplexidades do espírito. Madalena Pereira comove o leitor com a descrição que faz do Colégio, das suas mestras, das suas aulas, dos retiros espirituais, da recepção da fita de filha de Maria, da visão dantesca dos castigos eternos na palavra dos pregadores, da primeira comunhão, das festas em que S. José tinha por natureza e sede a primazia, do refeitório, das freiras que passaram diante da sua curiosidade, com as suas qualidades e defeitos, desde os rigores da madre Borges, que era a disciplina, até à mansidão da Irmã Ataíde, que era a suavidade, sem esquecer o beijo da Madre Portugal. Da morte da Irmã Ataíde deixou-nos uma página comovente: — "E subindo às

Labim/UFRN

regiões do Empírio, ia deixando pelos caminhos da Eternidade esteiras de rosas, aromatizando os espaços com jasmins e cravos que ainda hoje perfumam e engrinaldam a redoma de luz de sua angelical memória".

Os anjos humildes: Tonha e Patica

Uma beleza rude, que vem da noite da humildade e do silêncio, se irradia dessas figuras domésticas, Tonha e Patica, a outra face da vida oferecendo-se à lembrança da escritora para a fixação dos perfis românticos.

Ninguém as esquecerá nunca, contando estórias, entretendo a imaginação da sinhá moça, servindo-a, lendo-lhe nalma as coisas íntimas, tomando a bênção à Dindinha lua, cantando "Campineiro do meu pai", Patica com o seu jeito de mestra, Tonha explicando de onde sairam o inglês, o francês, o alemão, o tumulto da tôrre de Babel antes da Antropologia. Gente boa e ingênua, do feitio espantoso do velho Taramba, lembrado pela autora, quando êle acompanhou o doutor José Inácio Fernandes Barros à Europa, dizendo que viu em pessoa o judeu errante. Não pôde, é verdade, conversar com êle, porque uma voz lhe dizia, bíblica e terrível: — Caminha, caminha Belibete!

Tonha e Patica atravessam o livro humanas e tangíveis, heróicas e generosas, e terminam nimbadas de uma auréola de santidade, amolduradas pela grandeza romântica da servidão. Tudo quanto fizeram pela sinhá, pela menina do Oiteiro, nada representa, ainda assim, diante do que por elas, nesse livro, hino do coração, fez a memorialista, que as imortalizou. Elas teriam passado como muitas passaram, se o retrato não estivesse pronto para a galeria das devoções sagradas. Nós todos as vemos sempre juntas, ligadas ao mesmo destino, figuras de um mundo morto, mas no qual elas compuzeram a sinfonia da ternura humana para espanto dêstes tempos secos, áridos e estéreis, sem uma flôr no pântano, sem uma palmeira no deserto.

O prelúdio da liberdade

Na literatura da escravidão não sei de página mais emocionante do que essa que Patica escreveu, anônima e idílica. Madalena Pereira recorda as festas da libertação, o que ficou na sua lembrança dêsse poema negro escrito pelo povo com a fôrça das lágrimas, liberto da ignomínia, desarvorado pelas ruas e pelos campos, procurando o que a liberdade não dá de repente — o repouso — mas restitui màgicamente — a alegria, a embriaguês dos sentidos, o maravilhoso poder de cada um ter a si mesmo como dono e aos outros como iguais.

A carta que Patica guardava no fundo da mala era o grande

Labim/UFRN

segredo. Um dia, a sinhá moça lhe desvendou o enigma. Patica estava morta, mas deixou para a história, que também se escreve nessa doce humildade precavida, o documento de 24 de junho de 1887, assinado por José Antunes de Oliveira e Joana Soares Antunes de Oliveira, piedosamente amarrado com uma fita verde, e pelo qual era alforriado o escravo Martinho, já seu espôso, o carreiro que tanto amou. José Antunes, dentro da melhor atitude patriarcal, alforriava o escravo em homenagem à data natalícia de sua mulher, Joana Soares Antunes de Oliveira; e a êsse homem, com quem Patica distribuiu os privilégios do seu coração, eram dadas "tôdas as imunidades que lhe forem conferidas pelas leis do Império".

Êsse prelúdio da liberdade, naquele ano de 1887, guardou-o Patica como avarenta da glória na sua mala humilde, já transformada em cofre da redenção, como se a alforria, quanto mais escondida, mais amada, e a liberdade, quanto mais recôndita, mais verdadeira. A Lei áurea não tem mais beleza do que êsse documento em que uma mulher, cujo nome a história não guardou, teve a antecipação gloriosa da Justiça. ....

Grandeza e decadência do sobrado

Na cidade o grande ponto de referência era o sobrado de José Antunes, onde se perderam os últimos ecos da aristocracia rural em festas suntuosas. O sobrado do tio Barros, de estilo toscano, não teve a mesma fama, embora nele se houvesse hospedado, na segunda metade do século XIX, o bispo de Olinda, dom José Pereira da Silva Barros, quando de memorável visita episcopal ao Ceará-Mirim: fato que merece de Madalena Pereira registo tão brilhante, tão intenso. Dali contemplou a escritora o vale, o verde edênico da terra, os engenhos na sua fase mais autênticamente patriarcal, a civilização do açucar no seu esplendor aristocrático, o cenário encantado. Dali viu a escritora a cidade descendo pachorrentamente pela rua de São José, o santo do seu Colégio do Recife, para se aconchegar amorosamente ao vale, atraída pelo canto dos canaviais. Nas noites ruidosas, o sobrado concentrava e polarizava as atenções da cidade adormecida, sonhando a sua grandeza vivida. Quem o ergueu, o austero sobrado, em posição de domínio e de fastígio, teve a alegria de ver duas ou três gerações vencendo o tempo com o brilho magnífico das recepções faustosas, como se a casa-grande do Oiteiro, por um milagre de urbanização sociológica, fôsse agora o sobrado! Eu também o evoco naquela sisudez maçiça com que sempre apareceu aos meus olhos, hierático, severo, mas humano, comunicativo e doce. Hoje, vive o seu sonho, como tanta coisa que passa. Dentro está uma alma que não permitirá a morte do ve-

Labim/UFRN

lho casarão, de linhas sóbrias, no qual o labor de José Antunes deixou o testemunho vivo, telúrico do herói sem medo e sem mancha, cujo perfil humano Madalena Pereira, a filha enternecida, traça com côres prodigiosas de consagração histórica por tantos motivos merecida.

Eu o vejo silencioso, taciturno, fechado, o outrora tão ruidoso sobrado, de alegria tão contagiante. Há, nas instituições, uma nobre solidão como a dos templos. Lá dentro estão as vozes que o encheram, os ecos de sua vida, os sonhos que nele viveram momentos radiosos, as gerações que por êle passaram, os mortos que, como os do poema camoneano, se vão da lei da morte libertando. E dentre êles o meu tio Olímpio Pereira, voz mansa, gesto amável, figura aristocrática de um mundo quase distante, cuja mensagem, vez por outra, ressuscita a beleza da vida nos encantos dos anos idos e vividos.

As colegas, anjos amáveis

Madalena Pereira põe em desfile sentimental, como o herói de Edmundo D'Amicis, as colegas, anjos amáveis. Traça-lhes o perfil emocional no companheirismo inesquecível. De cada uma delas fica a presença dominadora. São as fiandeiras da mesma quimera. A menina do Oiteiro observa, integra-se no mundo da convivência heterogênea. tumultuária. Do colégio traz a noção heróica da Fé. Em OITEIRO, convém frisar, tudo é fé, certeza de Deus, confiança suprema, o tecido do Eterno em que se insere o seu espírito.

Quero salientar essa lição que a autora podia dar às suas colegas, a respeito do 13 de maio. "Um dia — escreve Madalena Pereira — encontrei minha irmãsinha chorando porque as colegas (nem sempre anjos amáveis, acrescento eu) a chocaram, ao saber que ela havia nascido a 13 de maio.

— Data de negros! exclamaram, vendo-a.

Consolei-a, emendando o equívoco: não fôra a 13 de maio, e sim a 17 do mesmo mês. E não acrescentei mais nada... Mas, o meu espírito recordou Patica na sua sóbria alegria; Tonha, assustada, correndo de um lado para outro, contando o que ouvia; a sua avó dansando na cosinha e dizendo que, tão depressa se libertasse, a levaria consigo; a Quitéria, pretendendo ir para o Pará; as comadres de minha mãe contando os martírios dos cativos e o delírio ruidoso dos negros nas senzalas, sambando, loucos de alegria!

Aquilo era o 13 de maio. E, mentalmente, ajoelhei-me diante da maior data do Brasil e lamentei minha irmã não poder festejar seu aniversário em tão grande data!"

Duvido que haja interpretação mais comovente do 13 de maio para aquelas que seriam, amanhã, mestras de gerações. Os anjos amá-

Labim/UFRN

veis devem ter recolhido o ensinamento. Ouviu-se ao longe, de dentro das cozinhas e das senzalas, a litania negra da liberdade, o canto africano sonâmbulo de emoção, delirando.

A feira, um mundo humilde

O poder descritivo é em Madalena Antunes Pereira um dos traços comunicantes. O expressionismo vivaz. A cena lhe rende os pormenores sugestivos. Escrevendo uma crônica romanceada, apura os fatos e não tem necessidade de os fantasiar para obter os resultados imediatos da impressão lúcida e forte. Basta colhê-los no cotidiano, no terra-a-terra.

A feira do Ceará-Mirim lhe sugere uma página exuberante. Um mundo humilde, misturado em côres e cobiças, ferve na concorrência pacífica, obstinada. A sinhá moça deve ter descido do sobrado, sem preconceitos nem temores, para ver na praça do Mercado o borborinho estendendo-se, tentacular, na competição semanal. A pincelada apanha em cheio a multidão confusa, dispersa, em várias dimensões. As cantigas punham o tom de tristeza ancestral nos cegos e mutilados. A cidade estava ali, derramada, nivelada, socializada. Depois, era o declínio, a multidão cansada recolhendo da luta, as palhas sêcas voando como voam as nuvens do sonho, o fisco de expediente encerrado, tudo acabado, silencioso, morto.

A memorialista guardou figuras populares, pregões, comentários, o elogio do Pará do doutor Meira e de Nossa Senhora de Nazarè, "terra onde se pagava cinco mil réis ao operário, quando em Ceará-Mirim, êle não ganhava mais de mil e duzentos". Cenário humilde carregado de tonalidade humana, variado, intenso, desordenado, mas repousado e calmo logo depois para as horas obscuras de apanhar os destroços!

O Guaporé, "cisne de níveas asas"

Há longos anos venho contemplando o Guaporé e procurando saber, de mim para mim, que imagem lograria dar a realidade exata daquela velha casa heráldica abismada no vale, muda e solitária. Ocorreu-me pensar que ali a solidão religiosa deixou o marco de um claustro velado pelas carnaubeiras, círios acesos para a agonia sagrada. Foi isso que me pareceu, no discurso com que tomei posse na Academia Norteriograndense de Letras, a visão romântica, alvejando no vale como um mistério da poesia. O vento, que alí sopra, tange o silêncio bíblico, modulando em cada canto uma saudade, como no verso famoso.

Depois, na manhã da criação, as cinzas mal deixavam ver a velha casa, como se todo o vale, saído do Gênesis, se ocultasse timida-

Labim/UFRN

mente dos primeiros habitantes da terra. A manhã nevoenta parecia vestir-se com uma fantasia edênica e o mundo perdido estava fechado por u'a mão invisível, suspensa como uma sentença sôbre os destinos feridos do Guaporé imobilizado na tradição.

E, finalmente, ao escrever sôbre o centenário do Ceará-Mirim, com os olhos postos no Guaporé, afigurou-se-me que era agora uma náu singrando um mar ondulante e voltando ao repouso, à quietude, depois do seu sonho malogrado. Sua presença, no vale, foi assim como uma viagem encantada com que se dispersou na paisagem, para recolher destroçado, mas glorioso. Não foi uma tempestade que o desarvorou; foi um enigma. A morte dos engenhos, no vale do Ceará-Mirim, é grandiosa e nobre.

Tôdas essas imagens nada representam diante da visão que da velha casa teve, em OITEIRO, a escritôra Maria Madalena Antunes Pereira, que o contemplou do sobrado e dele nos dá essa maravilhosa interpretação de um lirismo comovente: — "Acordei cedo para, da varanda do sobrado, apreciar a feira e o vale ao longe, onde se destaca entre a folhagem do canavial a casinha branca do Guaporé como um cisne de níveas asas repousando de um misterioso vôo..."

Nunca li coisa melhor, mais lírica sôbre o Guaporé. A imagem do cisne de níveas asas é perfeita. Mas, faltava acrescentar a êsse cisne o "misterioso vôo" de que descansa. Então, o Guaporé que foi visão paradisíaca na manhã do Gênesis; que foi claustro silencioso e franciscano na sua solidão heráldica; que foi náu vogando pelo vale; fez-se cisne de níveas asas, regressando não se sabe de onde, porque nesse vôo, que o imortalizou, é que está o seu enigma. Vejo-o agora como num lago verde, brandamente tocado por um vento lírico, que eriça o canavial em ondulações misteriosas. Seu último canto perdeu-se no vale.

Lembro-me de o ter visto, como o viu a escritôra, do sobrado, quando a minha avó, Isabel Augusta Varela Pereira, a Dobé dos numerosos netos, me deu um binóculo para que eu pudesse aproximar o Guaporé dos meus olhos assustados. Foi a primeira vez que usei binóculo chamado de alcance. As imagens cresceram; a casa agigantou-se como se caminhasse para mim; as pessoas quase falaram aos meus ouvidos; o vale ciciou a melodia verde de sua carícia. Que coisa extraordinária! Mas, ai de mim, nada me ocorreu, antes nem depois, para dizer. Devia caber à autora de OITEIRO o privilégio de fixar em linguagem poética a imagem salussiana do solar nobre, que foi centro da aristocracia rural do Ceará-Mirim e onde Vicente Inácio Pereira escreveu páginas da história mesma da Província, animando o ciclo canavieiro, que não era apenas uma riqueza, mas uma civilização.

Labim/UFRN

Figuras do povo na legenda sagrada

A cidade do Ceará-Mirim merece da escritôra um retrato sentimental. "Parece incrível — escreve Madalena Pereira — que uma pequena cidade, que mais parece "um burgo da Idade Média", pudesse exercer tanta sedução no meu espírito!"

Êsse feitiço nenhuma cidade tem mais do que o Ceará-Mirim. Adormeceu junto ao vale, embalada pelo canto do canavial. O espetáculo é quieto, murmurante. A autora relembra as figuras populares, extraviadas na legenda anônima: — Maria Folha, terror das crianças; Caspa, porque se considerava caspento, esmerado em escrever cartas tiradas do "Mensageiro" para os que o procuravam, confiantes na sua arte; Antônio Marcolino, domando cavalos e extraindo dentes; seu Firmino, carcereiro e chaveiro do cemitério, duplamente antipático; Mãesinha, sem lar, dormindo pelas calçadas, encontrada morta na Jacoca depois de tanto peregrinar em vão.

Em meio ao fausto e à opulência essas figuras sem destino, sem eira nem beira, pôem no Ceará-Mirim a nota humilde, tocante e ao mesmo tempo cruel. Elas passam diante dos nossos olhos como se voltassem da Eternidade para o tempo, haloadas pelo milagre da canonização popular em que, no final das contas, o ridículo e o patusco terminam se convertendo pela fôrça da memória redentora.

O engenho: sinfonia do trabalho

O engenho é o padrinho, de quem traça um retrato perfeito e acabado; o pai, lutador sem canseiras, heróico na sua esperança; Tonha e Patica, anjos da escravidão, redimindo o patriarcalismo; os trabalhadores dedicados — Damião, mestre do açucar; Antônio Mossoró, "coadjuvador másculo do Oiteiro", exímio cortador de cana; Ataliba, atraído pelo progresso da Capital, a sereia moderna e urbana em tentações oportunistas de vida fácil e cômoda; uma orquestração canavieira, sonora e doce, vendo, tratando e pelejando, como manda o poeta.

Sente-se e até ouve-se o Oiteiro trabalhando; o ciclo da cana do açucar caminhando, incessante, obstinado, harmonioso. Crescia a civilização canavieira, mesmo com os preços baixos do produto. Tudo era o mesmo ideal. Êsse engenho sem escravos, de que nos fala a memorialista, não precisava esmagar a liberdade do operário para tê-lo dócil, vivaz, construtor de riquezas. A libertação sempre existiu. Estava no amor das coisas, que é a beleza das instituições.

Labim/UFRN

Fim da jornada: a flor do vale

Tudo viveu nesse livro, ao influxo da sensibilidade. A cidade, a igreja, o vale, o Oiteiro, as sombras amigas, as idéias, os sentimentos, o mundo interior, a vida. A escritora chega ao fim da jornada. "De lembranças, como sua substância, escreve Madalena Pereira, na última página do seu relato, alimentou-se todo êle. Para escrevê-lo, não procurei louçania de estilo".

Lembra a irmã, a poetisa Etelvina Antunes Lemos, os versos escritos no album, e diz numa encantadora modéstia: — "Seria ela a Vitória Régia, eu, a flôr do vale sem perfume".

Também Auta de Sousa disse de si mesma: — "Pobre flor sem perfume e quase morta". Como se enganam as poetisas, as mulheres de coração e de sensibilidade!

Quando, hoje, abrimos o livro de Madalena Pereira, .essa .flôr rescende de poesia e de mistério. No vale tudo é perfumado, tudo é poético. Flôr do vale é essa cantora da infância, que transformou o Oiteiro numa catedral da saudade e do afeto. O Oiteiro é agora mais do que um engenho; é um jardim secreto, conservado cheio de pureza e de fragrância na alma de quem o reviveu e imortalizou. O pássaro, que não calou, transmitiu o canto do coração, sonoro e lindo. OITEIRO é uma sinfonia. Deus abençoe a mão que acordou na instrumentação harmoniosa as notas vivas de uma beleza humana e universal.

Labim/UFRN

Bruno de Meneses

Veríssimo de Mélo

Srs. Acadêmicos: Bruno de Meneses, presidente da Academia Paraense de Letras, honra-nos sobremodo com a sua visita.

Vindo a Natal participar do II Festival de Folclore, que ontem se encerrou com tanto brilhantismo, não quiz o presidente Manoel Rodrigues de Mélo que deixássemos passar a oportunidade feliz sem recebê-lo nesta casa de cultura, com as homenagens do estilo e do protocolo acadêmicos.

Eis uma visita, senhores e senhoras, que dignifica não apenas uma academia, um grupo de intelectuais, mas sobretudo uma cidade inteira, como é, nesta hora, a presença de Bruno de Meneses entre nós.

Confesso que o conhecia de nome e através de citações de seus versos em artigos e livros que me chegaram ás mãos. O conhecimento pessoal, entretanto, sobrepujou de muito a idéia que parte de sua obra poderia sugerir da vigorosa figura humana. Estudioso de assuntos de antropologia cultural, técnico em cooperativismo, professor, jornalista, orador fluente, Bruno de Meneses é antes e acima de tudo um poeta, mas um poeta na expressão mais viva e legítima do vocábulo.

Nascido em Belém do Pará, suas raizes paternas são todavia de Camocim, no Ceará. E' um dos líderes da geração de Abguar Bastos, Dalcidio Jurandir, De Campos Ribeiro, Luiz Gomes, Eneida Costa, Valdemar Henrique, nomes todos que afirmam uma época e projetam um Estado no panorama da cultura brasileira.

Iniciando-se pelos modelos clássicos da expressão poética, percorre todos os rítmos e todas as formas, fixando-se principalmente nos temas afro-brasileiros. E', porisso mesmo, considerado um dos precursores da poesia modernista no Brasil, ao lado de Mário de Andrade, Raul Bopp, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Jorge Fernandes. Publicou "Crucifixo", poemas; "Bailado Lunar", o livro de versos que o situa como modernista; "Poesia", seleção de poemas; "Maria Daguimar", novela; "Batuque", duas edições, e o romance "Candunga", aproveitando temas das migrações nordestinas na zona bragantina do Pará. Seguem-se "Lua Sonâmbula", poemas, e as duas outras edições de "Ba-

Labim/UFRN

tuque", livro definitivo do poeta e aquele de maior projeção no país e em centros de cultura do estrangeiro. Tem a publicar um estudo sôbre o "Bôi Bumbá", livro do maior interêsse folclórico e etnográfico.

Diante de sua poesia, que é espontânea e clara, inspirada e linda, nós sentimos que há homens privilegiados pela inteligência.

Vivendo no extremo norte, em contacto quase sempre com a exuberante floresta amazônica, a sua poesia está porejante da seiva nativa, de gritos de pássaros, movimentos coleantes de serpentes, enfim, do cheiro e das côres mais puras do Amazonas. Por outro lado, soube êle captar os sons dos sinos das igrejas de sua terra como ninguém. No seu livro "Batuque", o poeta nos brinda com dois poemas sôbre os sinos, duas pequenas obras primas de arte, delicadeza e musicalidade.

Em 1944, foi eleito para a Academia Paraense de Letras, velha casa de cultura que já conta mais de meio século, pois foi fundada a 5 de maio de 1900. Alí vai substituir Olavo Nunes, sendo o seu patrono o poeta Natividade Lima. Foi um dos renovadores do espírito acadêmico do seu Estado, levando para a Academia Paraense de Letras outros destacados companheiros de sua geração.

Nestes breves dias de convivência em Natal, verifiquei que a simplicidade de trato de Bruno de Meneses, a finura de espírito, a fidalguia com que trava conhecimento com as pessoas das mais diversas categorias são aspectos impressionantes de sua personalidade. Poucas vezes, senhores acadêmicos, um intelectual de outra terra pareceu-me tão natalense pelas virtudes da simplicidade em suas relações sociais como Bruno de Meneses. E lembro aqui, sem desdoiro para o nosso homenageado, um outro homem de letras já recebido nesta casa e um grande amigo de Natal, que se assemelha em muitos aspectos a êle e que é Nunes Pereira. São ambos velhos amigos e admiradores recíprocos. E talvez esteja nessa amizade de muitos anos a preferência de gosto e atitudes comuns, porque ambos têm personalidade completa e inconfundível. Dessas afinidades, sem dúvida, decorre a simpatia e rapidez com que Bruno de Meneses foi acolhido e aplaudido em todos os recantos da cidade, recebendo as homenagens e o carinho da nossa hospitalidade e admiração.

Embaixadores da inteligência e da cultura como êste que agora nos visita, com essa mocidade ainda mal disfarçada por uma cabeça encanecida, são o encanto de homens da província, que poucas vezes têm oportunidade de visitar outras terras e conhecer outros intelectuais no seu próprio rincão.

Bruno de Meneses é poesia e é mensagem. Poesia porque o conhecimento de sua obra nos amplia o horizonte da sensibilidade da

Labim/UFRN

intelectualidade paraense. E é mensagem porque a sua simpatia pessoal, personalidade, alegria de viver que brota em suas palavras nos demonstram que a fraternidade humana ainda é o caminho mais acertado de entendimento e de solidariedade para realizarmos o trabalho de recuperação do Brasil ás exigências e avanços das grandes nações contemporâneas.

Srs. Acadêmicos. Meus senhores e minhas senhoras.

Apresento-vos o poeta Bruno de Meneses, glória viva da inteligência brasileira. Hoje, apenas glória e orgulho nossos, pela satisfação de ouví-lo e abraçá-lo em nossa própria casa.

Labim/UFRN

Labim/UFRN

Pé de manacá

Palmyra Wanderley

Florou demanhãzinha, num domingo.
Nada sei do romance desse amôr.
Branco e roxo buquê, que Deus fizera.
Sonho que chega quando não se espera,
Plantado, ha tanto tempo, sem dar flôr.

O seu cheiro gostoso, diferente,
Em tudo se agarrava, no momento,
Na asa do dia claro,
No lenço branco do vento.

E junto de mim ficava,
E aos meus sentidos se deu.
A terra, em volta, cheirava,
Baforando o cheiro seu.

Nunca mais me largou, numa aliança
De sentimentos, de imaginação.
Impregnou-se no meu pensamento,
Ficou cheirando no meu coração.
Hoje, onde estou, sua presença está.

Na minha alma nasceu um pé de flôr,
Parecido com um pé de Manacá.

Labim/UFRN

Labim/UFRN

ADAUTO DA CÂMARA

Cônego Jorge O'Grady de Paiva

Discurso de posse proferido na Federação das Academias de Letras do Brasil, na qualidade de representante da Academia Norte Riograndense de Letras.

Senhor Presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil
Senhores Acadêmicos
Minhas senhoras e meus senhores

Mossoró, Rio de Janeiro. 14-3-1898, 17-10-1952.

Dois marcos, duas distâncias: uma no espaço, outra no tempo. E entre êsses extremos, da pequena cidade do interior nordestino á grande metrópole sulina, entre aquele começo de ano — março — dois anos antes de findar um século e aquele final de ano — outubro — dois anos depois de meiar outro século, cresceu, avultou, fulgiu entre quantos o conheceram e admiraram, a figura de Adauto Miranda Raposo da Câmara.

Como estais a perceber, a data de minha posse como sucessor de Adauto da Câmara, na Federação das Academias de Letras do Brasil, na qualidade de delegado da Acadêmia Norte Riograndense de Letras, coincide, deliberadamente, com a data aniversária de seu desaparecimento. Este discurso não é só, porisso, o registro do seu roteiro bibliográfico, para as praxes ou formalidades da posse acadêmica; é, por igual, rendido preito de saudade à memória daquele de quem ora transcorre o 6.º aniversário de falecimento.

Como foram bem vividos os 54 anos de Adauto da Câmara!

Mais não lhe foram precisos para firmar-se, como se firmou, entre os grandes filhos da terra potiguar. Partindo da vida quando mais se faziam notados os múltiplos dotes que lhe exornavam o espírito, numa idade em que o pensamento, claro e sereno, deixa as brumas da inexperiência ou da ilusão para

Labim/UFRN

atingir o zênite da maturidade mental, e em que a capacidade de trabalho é máxima, muito, decerto, teria ainda feito Adauto da Câmara; nem porisso as atividades por êle exercidas são insuficientes para lhe comprovarem os méritos de homem plurifacetado,, em quem a inteligência e o caráter configuraram varão de linhagem plutarquiana, com os quais se constróem as pátrias.

Aos 11 anos já havia concluido, com proveito, os estudos primários e ingressava no Ateneu Norte Riograndense, para o curso de humanidades, que faria brilhantemente, vindo ali sentar-se, em breve, como catedrático. Uma cátedra, por concurso, aos 22 anos! Ali se ombreava com o digno genitor, prof. Teodulo Câmara, de quem herdara a vocação para o magistério. Três anos depois concluia, com brilho invulgar, o curso de Direito na Faculdade do Recife. Eis preparado o moço para a obra que lhe ia marcar a vida: o magistério, a história pátria, o acendrado amor às coisas da terra natal. Publicará uma historiobiografia? Será a de Nísia Floresta. Escreverá sôbre a Guerra do Paraguai? Será sôbre a parte que nela tomou o Rio G. do Norte. Proferirá conferências? Versarão temas potiguares: "D. Manoel de Assis Mascarenhas", "O Pe. João Manoel", "O Último Senador do Império pelo Rio G. do Norte", "Amaro Cavalcanti", "Henrique Castriciano". Escreverá ensaios, em jornais e revistas da província e da metrópole? Serão as "Reminiscências do Ateneu Norte Riograndense", a "História da Revolução de 1817 no Rio G. do Norte", "O Culto de Barauna". Fará pesquisas genealógicas? Estudará os Câmara e Miranda Henriques, a ilustre progênie de que é oriundo. Até trabalho inédito que deixou versa sôbre "Como caiu a República Velha no Rio G. do Norte".

Esse o homem há 6 anos desaparecido, mas sempre presente: nas suas obras memoráveis e na imortalidade acadêmica, tão bem merecida.

Dos pendores e atividades de Adauto da Câmara creio dizer tudo dizendo que era historiador e mestre. Mas o pedagogo dirigia o historiador: sua história destinava-se a ensinar, a transmitir aos pósteros, quais emulações, os exemplos e heroismos do passado, a fim de que servissem de modelo e guia na senda do dever, no serviço e amor da família, da sociedade e da pátria.

Cultor afeiçoadíssimo da História do Brasil, nela bebeu Adauto da Câmara a alma de patriota, o civismo que o condu-

Labim/UFRN

ziria, impertérrito, pelo estudo, pelo trabalho, pelo idealismo. Muito soube honrar a pátria que entranhadamente amava.

Bacharel, professor, jornalista, deputado, acadêmico, historiador, genealogista, conferencista, ensaista, prestou Adauto da Câmara assinalados serviços ao seu Estado, onde desempenhou cargos da alta confiança do govêrno, e para cuja Assembléia Legislativa foi eleito duas vezes. "A República", orgão oficial do Estado e de tão gloriosas tradições no jornalismo indígena,, teve-o como redator e diretor. As lides jornalísticas já o haviam exercitado desde colegial, ao fundar e manter vários orgãos estudantis de imprensa.

Da Academia Norte Riograndense de Letras foi membro fundador, escolhendo para patrono a Frei Miguelinho, tal a admiração que votava a êsse destacado vulto da Revolução pernambucana de 1817. De Frei Miguelinho traçou o elogio acadêmico, peça de alto mérito, em que a sobriedade e concisão do estilo, que caracterisavam os seus escritos, se juntaram com a sensibilidade literária, revelando o artista. Sua oração de posse é tanto de intelectual integrado nas letras como do mestre de história, preciso, sóbrio, direi mesmo austero, que foi, acima de tudo, Adauto da Câmara. Sua austeridade vinha-lhe, a um tempo, da formação e do temperamento. Mesmo em casa mantinha-se, comumente, reservado, pouco falando com os familiares. Mas sua introversão natural não o impedia de dar mostras, quando oportunas, de sadio humorismo, de saudável extroversão, a revelarem o perfeito equilíbrio que era, de fato, a constante de sua constituição. E que diplomata teria dado! Seu natural delicado, sua ponderação, o domínio que exercia sôbre si mesmo e que impunha respeito, ao lado da perspicácia de espírito, do carater firme e benévolo, aberto a toda compreensão, teriam feito de Adauto, se as circunstâncias assim houvessem permitido, embaixador altamente qualificado.

Pesquizador da nossa história, trabalhava com paciência e honestidade e não era, apenas mestre por todos acatado (tive eu a fortuna de ser seu aluno); dilatou o patrimônio histórico do Estado. Falem por mim a já citada "História de Nísia Floresta" e o igualmente citado "O Rio G. do Norte na Guerra do Paraguai". Não trilhou sendas repisadas. Abriu-as por entre os pergaminhos, consultando diretamente as fontes e apurando a verdade histórica, destarte salvando do olvido fatos e nomes que a êle devem sua revivescência. Não admira, pois, que aqueles volumes por nós referidos fossem publicados, o primeiro

Labim/UFRN

pela Biblioteca de História Norte Riograndense e o segundo pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Suas conferências, invariàvelmente sôbre temas históricos ou pedagógicos, eram devéras apreciadas. Literáriamente foi a conferência, aliás, o ponto alto de Adauto da Câmara como homem de letras; era-lhe o gênero preferido. Em todas a sobriedade e concisão de estilo, já acentuadas, se casavam com a verdade a proclamar ou o êrro a combater. Citava sem excesso e com variedade, tanto autores nacionais como estrangeiros; citações que lhe revelavam a profundidade e extensão das leituras, feitas com tôda a atenção, marginalmente anotadas e, em muitos trechos, grifadas.

Faceta para acentuar ainda mais em Adauto da Câmara é a dos seus dotes de educador. Desde cêdo despontaram. O educador é lider, chefe, homem que conduz e orienta os outros homens. Adauto, numa idade em que era para ser conduzido e orientado, conduzia e orientava: mais não é preciso dizer para se ver nêle o educador nato, que a experiência e o estudo completaram. Em 1929 celebrou-se, em todo o Brasil, a II Semana Brasileira de Educação. Foram, em Natal, muitas conferências programadas. Coube a Adauto da Câmara abrí-las, falando, no salão nobre do Palácio do Govêrno, sôbre "Educação intelectual". Era bem um mestre que se fazia ouvir. Os conceitos que emitiu, as observações que fez, os conhecimentos que dos problemas educacionais revelou, a par da coragem em profligar êrros e abusos, fossem de escolas e autores estrangeiros ou nacionais, deram a essa conferência relêvo particular. Basta dizer que se hoje, quase 30 anos decorridos, tivesse de ser proferida, pouco, pouquíssimo mesmo, nela haveria que alterar. A visão percuciente do pedagogo, a vasta erudição na matéria, a experiência como professor, somaram-se para traçar um panorama exato do Brasil escolar de então e do futuro. Não me posso furtar ao desejo de citar alguns trechos dessa conferência, publicada pela Associação de Professores do Estado, e de que conservei um exemplar .

> "Nós temos que nos projetar no cenário mundial pela nossa capacidade em nos governar, por demonstrações de vitalidade, pelo aproveitamento e multiplicação de nossas energias e fontes de vida, para sermos dignos do imenso patrimônio de que somos herdeiros. Mas seria ingenuidade supor que Sésamo abriria para nós a caixa de seus sortilégios.

Labim/UFRN

Temos que percutir a rocha para que dela se desprendam as faiscações. A retórica sentimentalista dos que nos consolavam da pobreza com a celebração da nossa grandeza territorial, da magestade das nossas florestas e montanhas, deu-nos a ilusão de que eramos grandes, só porque o território se espraiava por oito milhões de quilômetros quadrados... As gerações de hoje estão reagindo contra os enamorados da vastidão das nossas fronteiras e da imponência do rio-mar. Elas inscreveram em seu pendão audaz o conceito de Tobias: "Precisamos de grandes homens e não de grandes rios".

E apontando para desastroso desvio em nossos métodos de ensino:

"A nossa mocidade deixa o ginásio incapaz de se expressar numa língua estrangeira ou mesmo de se servir do francês ou do inglês como meio de aquisição de novos conhecimentos. Egressa dos liceus, ela releva um incontido sentimento de repulsa ao estudo, à atividade cerebral, que lhe trazem à lembrança as atribulações e canseiras de seu estágio colegial, onde deglutiu noções disparatadas de conhecimentos prescritos por um programa que se afunda no enciclopedismo mais inconsequente."

E mostrando o caminho a seguir:

"A verdadeira educação é a que subsiste, depois da escola, através da existência. Qualquer que seja a nossa profissão devemos eleger, para recreio do espírito, um interêsse especial em tôrno de determinado ramo de saber."

Tomei-lhe, desde então, o sábio conselho e procurei, ao lado dos estudos eclesiásticos, empreender outros para "recreio do espírito." E se hoje pertenço à Sociedade Interplanetária do Rio de Janeiro, para a qual estou organizando um Dicionário de Astronomia e Astronáutica, não é senão por que tenho procurado *recreiar o espírito* com leituras sôbre a ciência do céu que, de resto, não pode ficar mal a um sacerdote. Entre os clérigos contam-se numerosos astrônomos, ao maior dos quais, Copérnico, se deve a moderna concepção estronômica, conhecida como "sistema heliocêncrico."

Voltando a Adauto, ainda enquanto mestre e educador, com êle mantive pouca mas frutuosa correspondência, ao tem-

Labim/UFRN

po em que exerci a direção do Colégio Diocesano de Mossoró, sua terra natal. Consultei-o sôbre metodologia de ensino e disciplina escolar, podendo dar, de público, testemunho pessoal de quanto a figura do verdadeiro educador com êle se identificara. E tão apreciáveis qualidades ainda mais se aprimorariam. Mudando-se para a metrópole, por fôrça das contingências políticas da revolução de 30, aqui adquiriu, com membros de sua família, pequenina escola, no Meier. Que grande obra executou Adauto no Colégio Metropolitano! Como fez de um estabelecimento primário um grande educandário!

Nas praças de nossa metrópole erigiram-se bustos a notáveis educadores, como, em Botafogo, a Juruena e, no Largo do Machado, a Alfredo Gomes. Justo é que, no Meier, se erga o busto de Adauto da Câmara, por haver dado ao bairro o seu maior estabelecimento de ensino, que inestimáveis serviços já prestou e, mercê dos continuadores de sua obra, continuará prestando à mocidade do Rio de Janeiro. Fica aqui o apêlo, dirigido por meio da Federação das Academias de Letras do Brasil ao sr. Prefeito do Distrito Federal, no sentido de ser, naquele bairro, prestada essa homenagem a quem tanto dela se fez credor.

A esta altura não quero que passe em silêncio o apoio e compreensão que recebeu Adauto da Câmara de sua ilustre consorte, senhora Wanda Zaremba, oriunda de nobre estirpe polonêsa e da qual houve dois filhos. O enlace deu-se em 1928. Por um ano, apenas, deixaram de festejar as bodas de prata. Nada impediu, porém, que de ouro fossem, sempre, os elos dêsse feliz consórcio.

Senhores acadêmicos: traçado, não o retrato fiel, senão o esbôço daquele a quem sucedo, nesta Casa, resta-me agradecer a dupla honra que me fez a Academia Norte Riograndense de Letras: a de eleger-me para seu delegado junto a esta Federação e a de suceder eu a Adauto da Câmara, a quem um sacerdote — Frei Miguelinho — tão alto civismo inspirou que outro não elegeu por patrono, no cenáculo das letras potiguares. Chegada é a vez a de outro sacerdote, obscuro e desmerecido, embora, receber, já agora de Adauto, a mesma inspiração, para as nobres batalhas da vida, da cultura e do civismo. Só assim encontro alento para sentar-me ao lado de um e de outro, modelos, ambos, de idealismo e fecundo trabalho. A' sombra, direi melhor, à luz de tais protetores, sob sua inspira-

Labim/UFRN

da égide, prosseguirei caminho afora, sem me afastar um passo dos modelares ensinamentos que ambos ministraram, no servir a Deus, no servir à Pátria, no servir à Inteligência.

Ao nobre e querido acadêmico Dioclécio Dantas Duarte, a quem me prendem laços de parentesco e amizade se não bastassem os elos da conterraneidade, desde já agradeço, comovidamente, a expressiva saudação que me fará, escorreita, elevada e generosa. Entrar nesta Casa pela sua mão equivale a nela entrar com o pé direito e dar firme passo no preciso momento de transpor o limiar da imortalidade.

Labim/UFRN

Labim/UFRN

JUVENAL LAMARTINE

M. Rodrigues de Melo

Palavras proferidas pelo acadêmico Manuel Rodrigues de Melo, em nome da Academia Norte Riograndense de Letras, no Cemitério do Alecrim, ao baixar o corpo à sepultura, no dia 19 de abril de 1956.

Acadêmico Juvenal Lamartine:

Este espetáculo que assistimos diante do teu corpo inanimado, é velho como o Tempo, e, no entanto, cada vez que reaparece aos nossos olhos assombrados, parece reanimado de aspectos novos e inéditos.

Por que?!

Será, porventura, o horror da morte que nos enubla a visão e turva o raciocínio?

Não!

Não, porque a Morte, se fecha os olhos do corpo à luz do Tempo, abre os olhos da Alma à luz da Eternidade.

A MORTE, porém, em vez de ser o fim, é o começo da Vida.

Da Vida do Espírito, devo dizer, porque êste, como diz o filósofo, é uma espécie de segunda pessoa que vive em nós, sem deixar de ser a nossa própria pessôa imaterial e divina.

Porisso é que a Morte, o simples ato da Morte, não apaga a Vida da Alma imanente que vive em nosso ser. Esta Alma que para nós cristãos tem uma significação tôda especial e um sentido inteiramente diferente daquele que a imaginação de outros povos criou para sua contemplação, poderá ser concebida para uns como sendo a representação viva e fiel do pensamento, para outros como a manifestação de um ANSEIO, de uma SAUDADE, de uma ASPIRAÇÃO, de um DESEJO, de um IDEIAL qualquer de arte que faz o prazer e o deleite do espírito verdadeiramente iluminado.

Labim/UFRN

Cristão que foste, concebias o mundo como uma expressão luminosa desse ideial que sempre alimentaste.

Porisso amavas a arte, a literatura, todas as manifestações criadoras do espírito humano. Clérigo das letras, como diria Marcel Proust, cultuaste a lingua como meio fácil de manejar a palavra e a pena; jurista, foste às fontes do Direito para julgar melhor os homens e as coisas do teu país; economista, tiveste por universidade a terra, a fauna, a flora e a gente do sertão; etnógrafo, realizaste pelo estudo acurado e a observação caprichosa, uma obra de verdadeiro pioneiro, estudando a vida, os hábitos, os costumes e as tradições dos nossos patriarcas; foste, sem dúvida, uma das expressões mais altas da nossa cultura e da nossa inteligência.

Presidente da Academia Norte Riograndense de Letras, déste sempre o bom exemplo da austeridade, da cortezia, da lealdade, da compreensão carinhosa, do amor ás letras e ás artes, compreendendo os velhos e estimulando os novos.

Povoador típico, como diria Pedro Calmon, deixas uma prole numerosa e feliz espalhada pelas terras calcinadas do nosso nordeste.

Estadista, político, Presidente de Estado, á velha maneira brasileira e nordestina, rasgaste os horizontes da terra potiguar, abrindo novas rotas para o seu futuro.

Foste, assim, um dos pioneiros da aviação, entre nós, do voto feminino, de tantos outros problemas vitoriosos e normais em nossos dias de hoje.

Escritor e jornalista, mobilizaste a mocidade da Província, em torno do mais antigo jornal do Rio Grande do Norte, fazendo da tua administração um oasis de escritores e poetas e não um degredo de condenados ao esquecimento e á morte.

Hoje, porém, baixas ao chão generoso da terra papa-gerimu. Daquela mesma terra que te viu nascer, que te alimentou, que te vestiu, que te matou a sêde, que te ensinou a ler, que te elegeu tantas vezes aos postos de representação da nação e do estado, que te deu a espôsa e que te deu os filhos. Baixas ao seio generoso da terra que te deu tudo, e que em troca tudo lhe deste inclusive a própria vida.

Labim/UFRN

Tudo isto, porém, seria ainda pouco se o Rio Grande do Norte, por desidia ou negligência, não tiveste te incluido no rol dos imortais da sua Academia de Letras.

Velho e prezado amigo, em nome da Academia Norte-riograndense de Letras, deixo-te aqui o nosso adeus e a nossa homenagem.

Labim/UFRN

Labim/UFRN

MACHADO DE ASSIS SEGUNDO ALGUNS DOS SEUS TIPOS

Edgar Barbosa

Palestra na Academia Norte Riograndense de Letras, a 26 de outubro de 1958.

Tento inutilmente lembrar-me do nome daquele pequeno deus da mitologia japonêsa, encarregado de distrair os fiéis durante a celebração dos ofícios, o que obriga todo sacerdote a exorcismá-lo antes de começar uma cerimônia. Meu Machado de Assis talvez não seja o vosso, justamente porque, no quadro da literatura brasileira, nenhum autor mais do que êle se compraz em aparecer diante de cada um de nós com a versatilidade e o encantamento dos magos da distração. Românticos ou realistas — e quem não o tem sido, uma e outra coisa, na medida em que o tempo nos transforma o gôsto e a percepção da arte? — românticos ou realistas vêm o moço e o velho Machado através de um ângulo muito pessoal, de impressões tão sutís que formariam, comparadas, o próprio espectro das nossas reações subconcientes.

Todos os que, no Brasil, se aproximaram do Machado multiplice, do poeta, do crítico, do romancista e, sobretudo, do grande narrador de histórias que êle foi, e continúa sendo, pela obra de Magalhães Junior, reconhecem seu poder de prestidigitação, levado ao hipnotismo, que não resolve nada, mas sugere tudo. Para cada leitor, o homem tem uma mágica. E ao final, caimos naquela perplexidade em que ficou Bento, parado na varanda, tonto das reações e dos sonhos que lhe deixavam os primeiros furtivos encontros com Capitú. "A emoção era doce e nova" — dizia Bento — "mas a causa dela fugía-me, sem que eu a buscasse nem suspeitasse". Temo, por isso, desper-

Labim/UFRN

diçar a riqueza do assunto, como tem me ocorrido em idênticas circunstâncias, quando a benevolência de muitos de vós decidiu absolver-me na esperança de que eu não mais reincidisse. Contudo, a angústia da versatilidade permanece. Atrevo-me a confessar que tenho um Machado sempre novo. Não aquele que, a exemplo de Stendhal, escrevera um livro destinado a cem leitores. Nem, como D. Quixote, profetizara edições de trinta mil exemplares para a sua história. E sim o Machado que escreveu com a "pena da galhofa e a tinta da melancolia", para o leitor numeroso, inquieto e insatisfeito que se move dentro de nós, exigindo a retirada daquele pequeno deus japonês de cujo nome não consigo lembrar-me.

* * *

Os que estudaram e analisaram sob os mais diferentes aspectos a vida, a sociedade, a "comédia humana" de Machado — desde Alfredo Pujol a Augusto Mayer, desde Barreto Filho a Peregrino Júnior, a Lúcia Miguel Pereira e a R. Magalhães Júnior — ergueram em volta de quem tanto riu da transitoriedade da glória, uma cordilheira das mais inacessíveis ao leitor comum. Machado está pagando por todos, pelos mortos e pelos vivos, o difícil tributo das veleidades de uma literatura de planície. Pobre na sua orografia, perdida no idioma torturado, existindo, como o povo judeu, por causa de uns poucos livros e da nossa imensa capacidade lírica . Êste, o drama de não termos tido Renascença, nem sofrimento profundo, nem até agora aquela vontade de continuar, de fazer valer a herança dispersa, humilde, mas estimável que Renan exigia do povo que pretendesse vir a ser uma Nação.

E assim, à semelhança do poleá que êle ensandeceu nos versos das "Ocidentais", continuamos dissecando os vários Machados numa anatomia que não terminou ainda, num processo sem defesa, no Santo Ofício das nossas próprias interrogações. E eis então o Machado vindo da casa do morro onde alguem lavava roupa; o menino,

Labim/UFRN

o rapaz e o homem daquele Rio de Janeiro ainda colonial, tão fácil de ser visto no romance de Manuel Antônio de Almeida; e depois, os que o apresentam e descrevem como autodidata, ingrato e sociável, amante e orgulhoso, epilético e ressentido, culto e sentimental, jornalista e poeta; contista e romancista, burocrata e tradutor, teatrólogo e humorista, doente e sadio, o reajustado de Iaiá Garcia, o velho quase morto de "Memorial de Aires". E os depoimentos se sucedem: alguem nos fala das casas machadianas, como agora mesmo o fez Lúcia Miguel Pereira. Outro nos descreve a sua morte. E ainda outro, Otávio Tarquínio de Souza, recorda o seu enterro, o cortejo último que o levou, do Silogeu ao cemitério de São João Batista, para o regresso à Carolina.

Nenhuma dessas reminiscências nos parece de cinquenta anos. É que Machado de Assis, submetido a tantos inquéritos, já avolumados em devassas, ressurge cada vez mais vivo, à semelhança de uma personagem ibseniana, com tôda sua astúcia alegórica, usando reticências ou calando diante das nossas pobres dúvidas.

Não me atrevo, pois, a imprecar nem seu bem, nem seu mal. Mutiplicado pela nossa admiração e envolto na aura do seu gênio, êle hoje é quem nos interroga. Longo, profundo e minucioso interrogatório. Machado escreveu nove romances e eu penso, como tanta gente, que êle ficou em todos êles. Os três primeiros — "A mão e a luva", "Ressurreição" e "Helena" têm indiscutível intenção auto- biográfica. Entretanto, os mais lidos e analisados — "Memórias póstumas", "D. Casmurro" e "Quincas Borba", também configuram outros Machados, desafiando o leitor como um problema de palavras cruzadas, sem que se saiba ao certo, tanto nos primeiros quanto nos últimos, o gênero de que se fantasia o romancista. Mas, — e a observação arguta devemo-la, justamente, a uma mulher, a Lúcia Miguel Pereira — Machado representou-se, de preferência, nos tipos femininos, quando queria explicar fatos da sua vida.

Labim/UFRN

"Uma depois da outra, a *Guiomar* da "Mão e a luva", *Helena*, a *Estela* de "Iaiá Garcia", e a *Lalau* de "Casa Velha", vão encarnar o autor, discutir os direitos da ambição, lutar contra a hierarquia social" Guiomar, fria e calculista, mostra mais a sua ambição, entrega-se a ela e é feliz. Por altivez natural, Estela e Lalau lutam contra a sua ambição e são infelizes. Helena aproveita-se de um equívoco para subir de nível social, e é duramente castigada". Mas, tôdas têm os mesmos problemas a resolver, — os problemas que Machado enfrentou quando precisou escolher, êle, o mulato, entre a portuguêsa Carolina, que era o futuro, e Maria Inês, a madrasta sublime, que era o passado.

De qualquer modo, o homem quis explicar-se pela arte, sem dizer tudo — e por isso veremos depois que Brás Cubas e o Conselheiro Aires, "robots" psicológicos de Machado, representam inclinações do seu espírito, porém quase nada têm de comum com o artífice.

* * *

Costuma-se dividir a obra de Machado de Assis em duas fases, uma que se encerra com o romance "Iaiá Garcia", publicado em 1878, e a outra, aberta pelas "Memórias Póstumas de Brás Cubas", em 1881 e fechada com a publicação do "Memorial de Aires", o seu último livro, editado em 1908. Se "Iaiá Garcia" não é um grande romance, nele começa a surgir um segundo Machado, já liberto dos arroubos românticos, já curado daquela timidez do nevropata, experimentando fugas e recaindo em frustrações.

Desde "Ressurreição", seu primeiro romance, de 1872, Machado luta por desvencilhar-se da servidão social e artística, procurando tipos que não fôssem os da galeria de manequins românticos. "Ressurreição" é uma peça bem sintomática da tentativa machadiana de vencer o meio, de salvar o homem gago e triste, não só da moléstia inconfessável, mas dos seus ressentimentos de mulato. O romance tem por moti-

Labim/UFRN

vo uns versos de Shakspeare a propósito da indecisão e da dúvida, que nos fazem perder o bem que almejamos porque fomos tomados do mêdo de conquistá-lo.

O drama do escritor talvez se resume nesse dístico. Desde o ano de 1861 que Machado entra em conflito com a sua condição social e a sua fatalidade física. Tenta o teatro e não consegue convencer. Procura a poesia, consolo fácil em país de poetas, mas difícil na época alucinada em que o irapurú ouvido tinha o nome de Castro Alves. Lança-se à imprensa, escreve contos e crônicas em vários jornais e revistas, sob a armadura de inúmeros pseudônimos, com os quais talvez procurasse quebrar a indiferença da fortuna literária. Esconde-se sucessivamente como *Gil, Job, dr. Semana, Manassés, Eleazer, Lélio,* etc. Já então, se estabilizara na burocracia, veneno desanimador da inteligência e da coragem do homem que trazia em potencial o maior e mais curioso cortejo de personagens do romance urbano em nossa língua. Em 1869, casa-se com Carolina, de quem iria dizer tudo na figura tocante de Dona Carmo e no soneto de despedida mais compungido da lírica brasileira.

Talvez comece por essa monarquia doméstica o reinado do verdadeiro Machado, ou pelo menos do homem que êle desejaria ser e que retratou excelentemente na figura do Conselheiro Aires, o diplomata aposentado que perdera até o vício da desconfiança: "mas, se me aposentei, foi justamente para crêr na sinceridade dos outros. Que os efetivos desconfiem". (Memorial, pag. 249).

Se temos de analisar o indivíduo pela sua obra, sabendo que muitos escritores estão completamente nela, ou viveram apagados por ela, Machado ainda se nos apresenta fugidio e sorrateiro, divertindo-se com as situações da sua própria tragédia. Antecipando-se a Proust, êle certamente acreditava que a nossa personalidade social é uma criação do pensamento alheio, que "os sêres só vivem na medida em que outros os conheceram e tomaram nota (certa ou errada) das suas ações".

Labim/UFRN

Era uma busca de segurança, como observa Lúcia Miguel Pereira, citando a autoridade de Adler (Machado de Assis, pag. 25): "Essa busca de segurança que lhe falta leva o nervoso a tentar uma compensação, criando um ideal de personalidade, síntese de todos os dons e de tôdas as possibilidades de que se julga frustrado".

Procuraremos assim, no livro chave da obra de Machado, que é inegavelmente "Brás Cubas", o mistério dessa página de armar que o homem nos deixou para confundir a quantos perseguem sua memória. A Mário de Alencar, que lhe perguntou um dia como, depois de ter escrito "Helena", êle pudera escrever "Brás Cubas", respondeu o romancista que se transformara porque perdera tôdas as ilusões sôbre os homens. Depois do climatério que o levou ao refúgio de Friburgo, em 1879, Machado já não via os seus semelhantes com os mesmos olhos do convencionalismo e da bôa fé, mas com um julgamento íntimo, implacável e sarcástico.

Nas "Memórias Póstumas de Brás Cubas" começa a transparecer a influência inglêsa, a ironia sterniana que Machado confessa na explicação ao leitor. Livro que é uma série de cinismos justapostos, nele já desfila quase todo o cortejo de tipos que Machado iria lançar em romances que, como "Brás Cubas", não eram bem romances e disso chegou a ter dúvidas um Capistrano de Abreu. Aparecem em Brás Cubas as primeiras grandes "vedettes" da cêna machadiana: o próprio Brás Cubas, contando a sua morte; Virgília, que é a anunciadora de Capitú, Sofia e de todo o elenco das mulheres maliciosas de Machado; Quincas Borba, o filósofo do "Humanitismo"; e Marcela, e Eugênia, e Lôbo Neves, e a pobre d. Plácida, o mais autêntico exemplar do numeroso grupo de viúvas que frequentam os contos e os romances de Machado.

Não haverá algo do primeiro Machado em Dona Plácida? Brás Cubas vai explicar. "O que eu disse foi isto:

— Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando à missa, viu entrar a dama que devia ser sua colaboradora na vida de D.ª Plácida. Viu-a outros dias, durante semanas intei-

Labim/UFRN

ras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou-lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de luxúrias vadias, brotou Dª. Plácida. É de crêr que Dª. Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas, se falasse, podia dizer aos autores dos seus dias: - Aquí estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: - Chamémos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isto que te chamamos, num momento de simpatia". (Memórias, pags. 203/204).

A representação — e ao mesmo tempo os bastidores— formam o jôgo da narrativa de Machado. Os bastidores, em Brás Cubas, são capítulos entremeados como "O emplasto", "O delírio" (repetido depois em "Quincas Borba", no desespêro trágico de Rubião, dentro da carruagem), "O almocreve", o "Parêntesis" e as reticências, alguns deles perfeitamente inúteis, na visão do leitor. Mas, Machado não seria a Medusa que foi se ordenasse as suas personagens ao gôsto das platéias.

"Alguns dos seus livros" — e preciso valer-me aquí do admirável ensaio de Barreto Filho na coletânea "O Romance Brasileiro", de Aurélio Buarque de Holanda — "nos dão até essa impressão incômoda de quem estivesse ao mesmo tempo vendo a representação e acompanhando o movimento dos bastidores, a preparação que deve estar oculta, para não interferir com o ambiente de credibilidade a que o espectador deseja abandonar-se. Essa propriedade estranha de Machado, que é muito acentuada nos romances e quase sempre se restringe nos contos, prejudica frequentemente a integridade da narrativa, e provoca a criação de um ambiente híbrido, em que a parte da ficção não nos domina completamente e deixa

Labim/UFRN

o espírito livre para um prazer lateral, um tanto supérfluo e parasitário, embora delicioso de jovialidade, de ironia e, muitas vezes, de perversidade e malícia".

Os que me ouvem sabem que tal vício é uma das virtudes caras à prosa moderna. Não fôsse ele, êsse sentido de alheamento e ao mesmo passo de crítica no desenrolar do drama, talvez Huxley não houvesse escrito tão bem seu "Contraponto" e Joyce não tivesse podido construir, no "Ulisses", o mais apaixonante monólogo interior da nossa época.

* * *

A crítica e o público já aclamaram "Dom Casmurro" o mais perfeito livro de Machado. Realmente, nesse romance, o autor realiza sua concepção de arte. Não porque tenha engendrado Capitú, a dos "olhos de ressaca", a mulher oblíqua e dissimulada que talvez seja a mais cenográfica das figuras femininas de Machado. Mas porque, jogando-a no destino de Bento, colocou face a face dois temperamentos que qualquer analista freudiano aceitaria como legítimos e possíveis na sociedade do Império, no Rio de Janeiro do século XIX, postos no centro da sua ronda de comparsas: José Dias, o superlativista e alcoviteiro untuoso; D. Glória, tão materna e bôa; e D.ª Sancha, e Escobar, e até Ezequiel, através de quem Machado procura tirar a dúvida "se a Capitú da praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos". (Dom Casmurro, pag. 398).

E eis que o desconfiado reaparece: "E bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me..." (Dom Casmurro, pags. 398/399).

* * *

"Quincas Borba" ressente-se um pouco da poderosa visinhança dos dois "capolavori" mais discutidos de Macha-

Labim/UFRN

do, que são "Brás Cubas" e "Dom Casmurro". Entretanto, já se observou que nesse romance de 1886 "as correntes humanas perpassam com maior desembaraço, sem aquela dosagem meticulosa, artificial, que fez Raul Pompéia dizer que Machado era um "escritor correto e diminuído". A estrutura filosófica de "Quincas Borba", o desenvolvimento da sua loucura, podem ter inspiração inglêsa, mas a compleição das figuras o romancista foi buscá-la em Balzac. O livro nada perde em comparação com os outros grandes livros de Machado. E nele há quem julgue que se encontram as duas maiores personagens do mestre:— Rubião e Sofia, esta a mais brasileira, a mais mulher das grandes mulheres machadianas.

Quando Machado descreve Sofia, atinge a perfeição poética na tentativa de descoberta do mistério feminino, transformando-o "numa fôrça imaginativa que se alimenta mais da contemplação e do sentimento da forma, do que pròpriamente do contato": — "Rubião admirou-lhe ainda uma vez a figura, o busto bem talhado, estreito em baixo, largo em cima, emergindo das cadeiras amplas, como uma grande braçada de folhas sai de dentro de um vaso. A cabeça podia, então, dizer-se, que era como uma magnólia única, espetada no centro do ramo". (Quincas Borba, pag. 75).

"De feito era um belo trecho da natureza" (pag. 309).

* * *

Em inovação audaciosa da didática literária, Ernest Curtius divide os grandes escritores que pintaram a sociedade em duas classes, conforme a representam como uma flora, ou uma fauna — um jardim de plantas ou um circo de feras. Flaubert teria sido um analista do tecido animal. Marcel Proust, um colecionador minucioso de flores, êle que foi, antes de tudo, um olfativo. Machado é um caçador de temperamentos, o reino vegetal não o interessa.

Entretanto, os juizes mais imparciais de sua obra já deliberaram quanto à frieza da sua crueldade. Quando êle atin-

Labim/UFRN

ge a segurança e a ourivesaria de "Esaú e Jacó", livro de 1904, perde Carolina e todos os temas do seu vasto exercício literário se esfumam tambem, confluem para um território vago, de silêncio e de sombra. O Conselheiro Aires surge nesse romance doloroso como o próprio fantasma de uma felicidade que não pode ser reconstituida. Eis quando Machado se sente irremediavelmente velho. Sua divisa e seu conforto se resumem agora no salmo que êle costumava dizer murmurando:—

"Alonguei-me fugindo e morei na soledade"

* * *

Quando, em 1908, manda a Nabuco um exemplar do "Memorial de Aires", pensando na sua Academia, Machado pressente o fim:

"Não há vaga, mas quem sabe se não a darei eu?"

Realmente, depois da viuvez o escritor festejado rompe o equilíbrio tranquilo, mas, como era Machado, reflete a sua angústia nesse poema que é o "Memorial de Aires". Foi preciso que a fatalidade, arrastando-o com tôdas as suas penas ao leito derradeiro, transmudasse o maldizente criador de Capitú e Virgília, no harpista de Dona Carmo.

Depois de "tôda a humana lida", o escritor procura aquêle refúgio que sòmente podia ter lugar na memória da sua companheira e nas relíquias da sua casa triste, que, como Jerusalém, foi arrasada:—

Jerusalém, se inda num sol futuro,
eu desviar de tí meu pensamento
e teu nome entregar a olvido escuro,

"a minha destra a frio esquecimento
votada seja; apegue-se à garganta
esta língua infiel se um só momento

"me não lembrar de tí, se a grande e santa
Jerusalém não fôr minha alegria
melhor no meio de miséria tanta".

Labim/UFRN

O homem finda com o escritor, deixando-nos, ao traduzir o salmo 136, um cântico que lembra o do Imperador Adriano, repetido no mundo cristão pela vóz de Dante, quando exclamou que a nossa maior dôr é recordar, na desgraça, os dias felizes:

"Alma minha, bela, esvoaçante,
Hóspeda e sócia do meu corpo,
Por que não te vais embora—
Já que pálida, rígida e nua,
Não tens a alegria de outrora?"

* * *

Minhas senhoras, meus senhores:

Perto do fim, Machado de Assis procura ainda apagar-se e esconder-se sob as mais comoventes tentativas. Seus pudores e susceptibilidades se exarcebam, êle não quer incomodar a ninguem, nem culpar a ninguem, e até para a vida, que lhe foi infiel, tem um último galanteio:— ""A vida é bôa"...

Amigo de Machado que sempre fui, tenho para mim que êle subverteu deliberadamente certa passagem dos Evangelhos, de que tanto cuidava. "Diz-nos coisas que nos agradam" — pediam os judeus ao profeta Isaías — "Engana-nos com erros amenos"...

Sim, o público sempre deseja que os clérigos cometam alguma traição e que o enganem com erros amenos, partindo do princípio conforme o qual tôda ficção, para seduzir, tem de ser otimista. Machado de Assis fez o contrário. Não enganou o seu público, e sòmente escreveu verdades amargas deixando de morrer como um profeta apenas porque preferiu exprimilas com sobriedade. No entanto, foi êle quem disse que: "Não há vinho que embriague como a verdade".

Labim/UFRN

A descendência que o homem sem filhos anotados no registro civil nos deixou, continúa a imortalizá-lo, mesmo fora da literatura, porque a vida, no seu desconcerto, não muda. Dos seus tipos medíocres, o romancista ou o contista poderia dizer que serviram de agulha para muita linha ordinária. Pois todos êles, ultrapassando a época e as limitações sociais, povoam ainda as chácaras e as ruas onde Machado os fixou, pelo usucapião mais permanente, que é o dos fantasmas familiares.

* * *

O julgamento mais recente da crítica machadiana é a compreensão de que o realismo da sua obra transfigurou-se no símbolo e na mitologia. Assim, não é a tôda hora nem em todo espaço, que podemos marcar encontro com Machado. Poucos mestres da ficção moderna — e neste quadro se incluem os gênios da análise psicológica, desde Dostoievski e Tchekov até Marcel Proust — exigem tanto preparo e tanto conhecimento das distorsões da alma.

Dapois de cinquenta anos, o próprio Machado regressa para ensinar-nos que a dôr não é uma ilusão, pois temos de transmitir a alguma criatura o legado da nossa miséria. O bem que fica, ou o mal que se perde na infinda multiplicação dos que se obrigam a perdoar. A contrição e a saudade, que algum filósofo de outro tempo diria que formam as pontas do dilema do pecado.

E o nosso grande velho conclúe abençoando e sorrindo:—

"Já não sou deste mundo, mas não é máu a gente afastar-se da praia com os olhos na gente que fica".

Labim/UFRN

Impressões do Amapá

Adherbal de França

Palestra realizada em fevereiro de 1958

Nesta hora, tão sombria para o Território do Amapá, venho dizer aos companheiros de Academia alguma coisa do que vi e do que senti em quase dois mêses de permanencia junto do seu povo. Imagino, porém, a consternação que há três dias domina tôda uma terra que perdeu, para sempre, na vertigem de um mortal desastre, uma grande figura política e esforçado elemento da sua administração.

O Amapá acaba de sofrer com a morte violenta do deputado federal Coaraci Nunes e do seu suplente, Dr. Maia Pimentel, um dos mais duros golpes. Presto aqui a homenagem que o seu nome bem merece de todos os brasileiros, assim como o do seu ilustre companheiro, apanhados na mesma fatalidade quando, pelo interior do Território, enfrentando o mau tempo da época, tratavam ambos dos interesses da região em que o solo tantas vezes é traidor nos recursos das aterrissages.

O AMAPÁ

Dentre as aglomerações humanas que a história assinala na existência tormentosa da Amazônia, destaca-se nos dias atuais a cidade de Macapá, encravada na margem norte do rio Amazonas, "quase em cima da linha do equador, pois suas coordenadas geográficas são 0º0'55" de latitude norte e 7º54'1" de longitude oeste do Rio de Janeiro" (Eng. Flavio Vieira). E se destaca por uma forma impressionante que, se ao turista desperta pronta curiosidade, para os seus naturais constitui um fenômeno de compreensão do quanto valem as bôas intenções dos comandos políticos e administrativos.

Afirmam os documentos destes últimos quinze anos, comprovados pela voz do povo, como testemunho direto e justo, que antes da instalação do Território do Amapá a sua atual

Labim/UFRN

metrópole não era mais do que uma povoação atrasada e deprimida no vasto solo do Estado do Pará. Tinha pouco mais de mil habitantes, vivendo pelo que Deus lhes désse na beira dos igarapés, mortificados pela violência do verão equatorial e das intemperies do inverno, sem ânimo para pensar em melhores dias através das amarguras da insalubridade e dos desfavores da terra pouco produtiva. Mas um dia abriu-se no panorama desse deserto uma restea de luz que não mais desapareceu, ampliando-se, ao contrário, num horisonte promissor.

É esta, realmente, a idéia que assalta a quem chega na capital amapaense para conviver com o seu povo. E tão forte e poderosa tem sido a transformação social e econômica que quasi não se percebem mais os pontos vitais da antiga cidade esquecida.

Venho dessa longinqua faixa amazônica. Pude ver o que representa hoje no relevo da administração nacional a cidade-séde do território amapaense.Aquelas preocupações que levei e que me pareciam tão graves se transformaram em impressões lisongeiras ao contato com o seu clima, com a hospitalidade da sua gente, com o espírito de evolução que se desenvolve desde as escolas primárias às instituições sociais e esportivas. Senti no Amapá apenas o efeito da distância e, por isso, o de certo isolamento, em que a sociedade ainda se encontra com relação aos que chegam, sobretudo dos Estados nordestinos.

Está se extinguindo no Amapá aquela eternidade de doenças, perigos e misérias, substitui da por um ambiente de trabalho compensado na energia criadora, na recuperação humana que está assegurando um estado de saúde e de bem estar. Refiro-me à cidade de Macapá, capital do Território. Mas no mesmo caminho andam cidades e povoados do interior, apesar dos velhos e irremoviveis problemas do transporte e outras condições locais desfavoraveis.

Macapá se estende á margem do grande rio histórico, a partir das muralhas negras da fortalesa de São José de Macapá, cujo passado é uma epopeia entre violentas ameaças de conquista. Apresenta ao visitante perspectiva de franco progresso. Em menos de quinze anos da criação do Território a sua fisionomia modificou-se profundamente, os seus recursos converteram-se em ângulos de prosperidade, graças a um govêrno que é exemplo na aplicação certa, imediata e decisiva de um programa que continúa a realizar-se em todos os sentidos e detalhes. Dai uma capital onde as estatísticas davam menos de dois mil habitantes, vivendo anônimos, esquecidos e resignados á

Labim/UFRN

margem dos igaporés, dentro de uma pobresa de séculos, e que em 1950, acusavam 25 mil, estimando-se hoje em trinta mil. Esse administrador capaz, que iniciou o processo do aproveitamento da região e do homem do Amapá, foi o capitão Janary Nunes, atual coronel e presidente da Petrobras.

Fundamentalmente foram postos em ponto de solução os problemas da saude e do ensino. O combate á insalubridade está vitorioso, sobretudo na capital, e ha escolas em todas as distâncias, e um centro de cultura, que se desdobra no desenvolvimento dos esportes. O indice de mortalidade infantil em Macapá é atualmente considerado o melhor das capitais brasileiras: 89 por mil.

Verdade é que Macapá é habitado por grande número de funcionários públicos, o que constituiu inicialmente para a administração do Território a preocupação de prédios para aloja-los, determinando desde logo um plano de urbanisação que aumentou consideravelmente a área da cidade, hoje cheia de avenidas e ruas longas e bonitas e praças arborisadas. O ensino conduziu á construção de prédios escolares, alguns deles grandes prédios, como os dos grupos escolares, com dois pavimentos, ginásio, escola normal, escola industrial, escola doméstica, jardins de infância. A medida que se desdobravam os aspectos da vida urbana, tratava o govêrno do estudo das possibilidades econômicas da região. Desde logo surgiu a necessidade de um hotel. E já em 1945 era inaugurado o Macapá-Hotel, com os seus apartamentos e quartos individuais, grandes salões de refeições, de festas e bar.

Mas, meus caros colegas academicos, estou vos condusindo por um terreno sem grande interesse para vós nesta ligeira e despretenciosa impressão do Amapá. Que melhor poderia dizer-vos, já que me convocastes? Basta que vos informe que a cidade de Macapá, com a sua linha equatorial zero e as agressivas poeiras, teve o dom de modificar em pouco tempo as amarguras de um adventicio, ao ponto de querer bem á terra, que tanto o favoreceu com a sua hospitalidade, os seus costumes, e atenções. Cidade que se levanta disciplinada, Macapá tem urbanismo adiantado, bairros de densas populações, três cinemas, sendo um escope, teatro, bars e cafés de relativo conforto, como o Café Society. A insuficiencia de material de construção concorre para que a cidade apresente numerosas casas de comércio e de residencia de madeira sobre estacas. O que se vê, tambem, em grande quantidade na capital do Pará, Dai o estilo que atrai a vista do observador ao longo das aveni-

Labim/UFRN

das e das ruas. Casas de um e de dois pavimentos, cobertas ou não de telha, são elegantes, bem mobiliadas e, sobretudo, cheias de luz, tornando-se alegres e agradáveis durante as primeiras horas da noite. Gostava eu de ir olha-las na sua modestia, porem ricas de claridade e de socego. Gostava eu de olha-las como um indiscreto que ousasse penetrar a intimidade das mais favorecidas.

Coisa estranha: em Macapá não vi mendigos. Pelo menos para mim não se estendeu a mão do pedinte. Entretanto, cidade de funcionários públicos, de barcaceiros, operários, de gente pobre, de muito menino solto e vadio, como em tôda parte, nenhum parece viver de um vicio que tão facilmente prolífera nas outras terras.

Ora, estareis me perguntando, e as mulheres? Eu vos responderei: não vi em Macapá a exaltação da moda, a preocupação "society" da elegância e da supremacia. Mas, a mulher macapaense, ou que na cidade resida, tem gosto, tem a noção social bem compreendida, veste-se sem defeitos, com modestia, com moderação, com alegria.

A sociedade macapaense precisa ainda do meio propicio a uma expansão constante nos altos níveis do mundanismo da época. Mas observa-se que Macapá é uma cidade de menos de quinze anos, embora ferteis em prosperidade, em educação, em rendimento intelectual. Isolada por grandes distâncias e dificuldades dos centros de cultura, nem por isso priva-se de conhecimentos das novidades sociais, de que a capital paraense é o ponto mais proximo.

Vê-se que o Território do Amapá tende para um desenvolvimento impressionante. Iniciado ha pouco tempo o grande comércio de manganês, de que os Estados Unidos necessitam em grande escala para as suas indústrias mais importantes e cujo produto é extraido de minas imensas na Serra do Navio, o fundo econômico da região já está assegurando para o Amapá uma época de avanço pelos caminhos novos da civilização. A empresa exploradora do manganês, a ICOMI, representa uma potência financeira a tocar para diante a vida próspera do amapaense. Construindo estradas de ferro e de automoveis, porto flutuante modernissimo, instalações apropriadas em todos os setores das suas atividades, a ICOMI criou um padrão de vida no Amapá, favorecendo as condições de trabalho e de compensação dos seus servidores, instruindo-os e aos seus filhos, proporcionando-lhes ainda casa e alimentação sadia, assistência médica e transporte.

Labim/UFRN

Todos os aspectos esportivos têm tido no Amapá, especialmente em Macapá, acentuado desenvolvimento. O futebol, a natação, o basquetebol, congregam numerosos clubes. Por isso o Amapá tornou-se participante obrigatório dos certames nacionais. O Campeonato Brasileiro de Natação Infanto-Juvenil de 1956, que se achava ha três anos em poder dos paulistas, foi conquistado pelo Território do Amapá. No ano passado onze elementos macapaenses tomaram parte no campeonato de adultos de Porto Alegre. Não sei qual foi o resultado.

A piscina olimpica da Federação Aquatica está sob a responsabilidade de um técnico-campeão. A instrução física é feita em correlação com a agilidade aquatica. Tive a oportunidade de assistir a uma demonstração desse esporte, feita especialmente para uma delegação do Conselho de Segurança Nacional. O grande animador dos esportes no Amapá é o sr. Pauxis Nunes, irmão do coronel Janary Nunes e atual secretário geral do Governo e Governador substituto.

O aspeto estudantil é de uma evidente animação. A vida escolar se estreita numa cordialidade simpática e dai o interesse mútuo dos conhecimentos e dos estudos. Ha entusiasmo, ha ambições, ha força de vontade. Os certames na classe se desenvolvem num clima de respeito e leal concorrência. Devo lembrar que a rainha dos estudantes de 1957 foi uma amapaense.

As atividades literárias e jornalisticas ainda necessitam de um movimento metodico e intenso. Não sei se existem sociedades literárias. Mas, se não existem, deve haver qualquer coisa em andamento. A cidade conta com uma bôa biblioteca, relativamente organizada, sob administração do governo.

Sr. Presidente, caros academicos: Já vos falei muito sobre o Território do Amapá, que mal conheço. Mais vos diria se houvesse tempo e paciência vossa. Creio que chegando ao termo final desta palestra, a que fui chamado, posso resumir tudo quanto vi e expuz como sendo resultado destas três forças irradiantes que dão vida e nome a uma região secular, de heroicos lances históricos de colonização, mas de infecundo simbolismo de Jeca-Tatú: ha no Amapá um programa de atividades objetivas; ha no Amapá um reduto de energias criadoras; ha no Amapá um govêrno que sabe prever e que sabe agir.

Labim/UFRN

Labim/UFRN

NOTAS AVULSAS

NILO PEREIRA

O presidente da Academia Norte-Riograndense de Letras, escritor Rodrigues de Melo, está construindo a sede dêsse sodalicio a golpes de tenacidade e de obstinação; contando com a boa vontade de uns e a ajuda de outros, e sempre animado na sua tarefa, que o temperamento é lutar.

As Academias, geralmente mais novas do que os Institutos Históricos, nascem à sombra dêstes. Ou melhor: ficam como inquilinas dêles. E vivem em paz. Assim é a Academia Pernambucana; e assim a do Rio Grande do Norte.

No nosso caso, a Academia, também chamada Casa de Carneiro Vila, resolveu por último construir, ao lado do Instituto, em terreno dêle, uma dependência para sessões ordinárias. Nas sessões solenes veste as galas do Instituto, põe-se bem posta na sala nobre e, por alguns momentos, a História e a Literatura se dão as mãos, admiráveis de bom gênio, sob a égida dos tempos.

Mas, o melhor é que cada um viva na sua casa e bem que a nossa Academia Pernambucana devia cuidar da sua sede própria. Já se pensou nisso, parece-me que no govêrno do acadêmico Barbosa Lima Sobrinho; mas em certas coisas, por serem difíceis, tem-se que pensar muito até que se faça o essencial. O problema não é fácil, mas desde que seja tomado ou retomado com vontade de encontrar uma solução, tudo indica que as barreiras serão transpostas. Quem conhece a tenacidade com que o presidente Waldemar de Oliveira vem ganhando tantas batalhas — a batalha do teatro, por exemplo, — sabe que na sua mão êsse velho ideal poderá ser realizado. Eis uma "Operação" que deve ser lançada quanto antes. No Rio Grande

Labim/UFRN

do Norte, Rodrigues de Melo vai levar por diante um esplêndido programa cultural da Academia, com a sede que está construindo e que, em parte, conheço. Êsse exemplo deve chegar até nós. Vamos pois, reeleger Waldemar de Oliveira e lhe dar de boa vontade essa missão.

(Do Jornal do Comércio, do Recife).

Labim/UFRN

Noticiário

NESTOR LIMA

Ao findar-se o dia 26 de fevereiro deste ano de 1959 falecia o acadêmico Nestor dos Santos Lima, um dos fundadores da Academia Norte Riograndense de Letras, cuja assiduidade era das mais úteis aos trabalhos da instituição. Nestor Lima adoecera gravemente após uma viagem á cidade do Açu, aonde fôra a serviço da sua profissão de advogado e, sobretudo, para rever depois de muitos anos de ausência a sua terra natal. Recolhido ao Hospital Miguel Couto, apesar de toda a assistência médica e da dedicação da sua família e dos seus amigos, não resistiu, falecendo na noite de 26. Entre os que assistiram o desenlace se encontrava o presidente da Academia de Letras, acadêmico Manuel Rodrigues de Mélo.

O acadêmico Nestor Lima era presidente perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico do Estado, professor da Faculdade de Direito de Natal, presidente do Conselho Penitenciário e do Conselho do Banco do Rio Grande do Norte. Exerceu outros cargos importantes na administração do Rio Grande do Norte, como o de Secretário geral do Govêrno, diretor do Dep. de Educação e diretor da Escola Normal de Natal, onde deixou uma notável soma de serviços, destacando-se o regime disciplinar que êle estabeleceu e soube manter durante todo o longo período da sua direção. Teve atividade brilhante na sua carreira de advogado, conquistando o respeito e a admiração de colegas e constituintes, honrando o fôro.

Membro fundador da Academia Norte Riograndense de Letras e, por alguns anos, seu secretário geral, Nestor Lima dedicou o melhor das suas atenções aos problemas da Academia, facilitando-lhe séde provisória e as comodidades possíveis no próprio prédio do Instituto Histórico e Geográfico. Ocupava a cadeira patrocinada pelo grande norte riograndense que foi Almino Afonso, político e orador notável nos tempos da proclamação da República.

Este registo vai terminar com uma crônica de autoria de um dos redatores de "A República", na sua secção "A Cidade em fóco", assinada com as iniciais M.C. E' uma síntese insuspeita da vida e do caráter do velho mestre, do advogado, do homem de letras, do educador que foi Nestor Lima. M.C. assim se referiu ao acadêmico morto:

Labim/UFRN

"A CIDADE EM FÓCO

Dr. Nestor Lima

O Estado acaba de perder, na pessôa do Dr. Nestor dos Santos Lima, uma das suas mais vivas expressões de cultura e um de seus mais brilhantes servidores. Entre as atividades que desenvolveu, com modéstia e com consciência, lembramos a de diretor da Escola Normal, professor, diretor do Departamento de Educação, um dos fundadores e primeiro diretor da Faculdade de Direito de Natal, presidente do Conselho Penitenciário do Estado, membro da Academia Norte-Rio-grandense de Letras e Presidente perpétuo do Instituto Histórico.

Queremos lembrar que era um homem simples, de hábitos arraigados, de grande persistência no trabalho. Acreditava nos ideais dos moços e por êles viveu tôda a sua vida, ensinando-os, orientando-os, incentivando-os. Se não era comunicativo de palavras e de gestos, tinha aberto o coração para todos os que dele precisassem. Houve ainda nêsse homem que hoje reverenciamos a sua memória uma nota tocante de amor ao sólo que lhe serviu de bêrço. Ligava-se a Assú, terra de seus antepassados e foi lá que encerrou a sua vida jurídica, dois dias antes de adoecer. E êsse amor foi recompensado. Antes de morrer viu o rio Assu tomando água, o vale verde, os carnaubais crescendo para os céus e o açude Pataxó, sobejando água em suas barragens fartas. M.C."

A SEDE PRÓPRIA

A construção da sede da Academia é um acontecimento que não pode nem deve passar sem um registo especial. Iniciada em julho do ano passado, conhecidos como são os parcos recursos da instituição, vai, lentamente, prosseguindo graças á força de vontade obstinada e poderosa dos seus dirigentes. Trata-se de um prédio com uma área coberta de mais de seiscentos metros quadrados, constituido de andar térreo e primeiro andar. Construção imponente e sólida, o edifício da Academia, uma vez construído, terá um lugar especial na paisagem urbanística da cidade. No momento em que escrevemos estão em vias de conclusão cinco salas, espaçosas e amplas, onde será instalada, muito breve, a Academia de Letras. Um ano atrás, não passava de um sonho. Hoje, constitui uma indiscutível realidade. Animadora do movimento intelectual do Estado, desde os seus primeiros dias, a Academia, passará, em breve, a dirigir, da sua séde, á rua Mipibu, o movimento literário da província, procurando interessar, nesse trabalho, todos os valores artísticos e literários na criação e divulgação da nossa literatura.

Labim/UFRN

UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO NORTE

Com a fundação das Faculdades de Odontologia e Farmácia, Direito, Serviço Social, Medicina, Filosofia, Ciências Econômicas, e mais recentemente, Engenharia, tivemos a criação e instalação da Universidade do Rio Grande do Norte, cúpula de todo o nosso sistema cultural-educativo.

Nenhuma instituição terá maiores motivos de satisfação com êsse acontecimento do que a Academia Norte Riograndense de Letras, pois das suas fileiras saiu grande parte do professorado que hoje integra o corpo docente das nossas faculdades.

Alguns até chegaram ás posições mais altas das referidas unidades. Nestor dos Santos Lima, Paulo Pinheiro de Viveiros, Otto de Brito Guerra, Luís da Câmara Cascudo, Floriano Cavalcanti, Edgar Barbosa, na Faculdade de Direito, Rômulo Wanderley, Edgar Barbosa, Hélio Galvão, Veríssimo de Mélo e Esmeraldo Siqueira, na Faculdade de Filosofia, Otto de Brito Guerra, Hélio Galvão, na Escola de Serviço Social, Esmeraldo Siqueira na Faculdade de Odontologia e Farmácia, e por fim, Onofre Lopes, Magnífico Reitor da Universidade, todos membros destacados da Academia Norte Riograndense de Letras.

Registando esse fato, fazemos votos para que a nossa Universidade cumpra fielmente a sua missão, enriquecendo, cada vez mais, o patrimônio cultural do Rio Grande do Norte.

ESCRITOR LUIS PINTO

De passagem por esta capital visitou a Academia Norte Riograndense de Letras, o escritor Luís Pinto, membro da Academia Paraibana de Letras e do Instituto Histórico Paraibano, onde, a convite do presidente Manuel Rodrigues de Melo, proferiu importante conferência sôbre a personalidade do grande civilista brasileiro Clovis Bevilaqua.

A convite do presidente, dirigiu os trabalhos o acadêmico José Augusto Bezerra de Medeiros, antigo discípulo de Clovis Bevilaqua.

O escritor Luís Pinto foi saudado pelo acadêmico Rômulo Wanderley.

CINQUENTENÁRIO DE UMA CONFERÊNCIA

A Academia promoveu uma sessão especial, que se realizou no dia 26 de março deste ano de 1959, para rememorar uma conferência de Manoel Dantas, pronunciada ha cinquenta anos no salão nobre do Palácio do Govêrno (21 de março de 1909), na qual o autor expoz

Labim/UFRN

curiosa e interessante visão do futuro da capital natalense no decorrer de meio século, tanto assim que lhe deu o título "Natal daqui a cinquenta anos". Manoel Dantas poderia ter testemunhado grande parte das modificações previstas e anunciadas em estilo humorístico, como era do seu feitio literário, baseadas em pormenores que a sua atilada inteligência e o seu conhecimento dos fenômenos urbanísticos lhe puderam sugerir. Entretanto, sobreviveu apenas quinze anos.

Patrono de uma das cadeiras da Academia, ocupada pelo acadêmico José Augusto Bezerra de Medeiros, destacou-se Manoel Dantas por invulgar capacidade de trabalho, aplicado simultâneamente na advocacia, na história e na geografia, além do que ainda normalmente aproveitava nas ocupações caseiras, especialmente na encadernação dos livros e revistas da sua biblioteca, no que se revelava mestre numa terra onde não havia profissionais na espécie.

Na sessão comemorativa dessa famosa conferência, reeditada pela família e distribuida na oportunidade pela Academia, o acadêmico Edgar Barbosa saudou o orador oficial da solenidade, acadêmico José Augusto Bezerra de Medeiros. Após o discurso desse acadêmico, parente e contemporâneo do ilustre norte riograndense homenageado, o dr. Cristovão Dantas, filho de Manoel Dantas, agradeceu em nome da família, o preito de admiração e de saudade que o ato solene significava.

Labim/UFRN

ÍNDICE

Página

HENRIQUE CASTRICIANO — Adauto da Câmara 4

LOURIVAL AÇUCENA — Virgílio Trindade 19

BEZERRA JUNIOR — TAPUIO ESQUISITO E EXCÊNTRICO — M. Rodrigues de Mélo 27

PALAVRAS DE AGRADECIMENTO — Múcio Alves Bezerra.. 43

SAUDAÇÃO AO GOVERNADOR SÍLVIO PEDROZA — Otto Guerra 47

AGRADECIMENTO DO GOVERNADOR SÍLVIO PEDROZA 51

CARAMURU — Esmeraldo Siqueira 53

VISÕES DE UMA SINHÁ MOÇA — Nilo Pereira 55

BRUNO DE MENEZES — Veríssimo de Mélo 65

PÉ DE MANACÁ — Palmyra Wanderley 69

ADAUTO DA CÂMARA — Jorge O'Grady de Paiva 71

JUVENAL LAMARTINE — M. Rodrigues de Mélo 79

MACHADO DE ASSIS SEGUNDO ALGUNS DOS SEUS TIPOS — Edgar Barbosa 83

IMPRESSÕES DO AMAPÁ — Adherbal de França 95

NOTAS AVULSAS — Nilo Pereira 101

NOTICIÁRIO 103

Labim/UFRN

Labim/UFRN